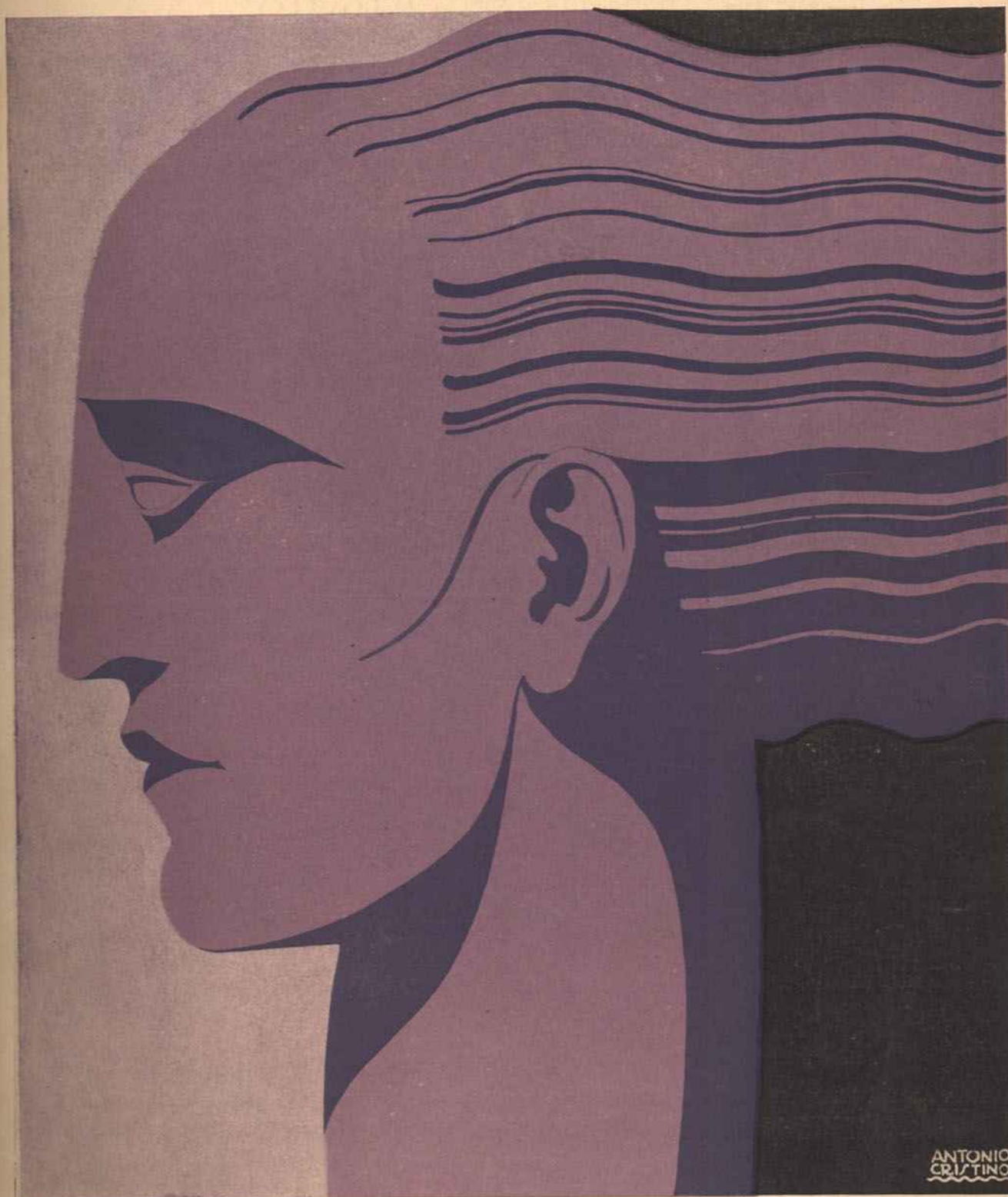


ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NÚMERO 86

Lisboa, 16 de Julho de 1929

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO

4\$00



A MELHOR, MAIS DELICIOSA E BEM
PERFUMADA

AGUA DE COLONIA

É A DE



BENAMÔR

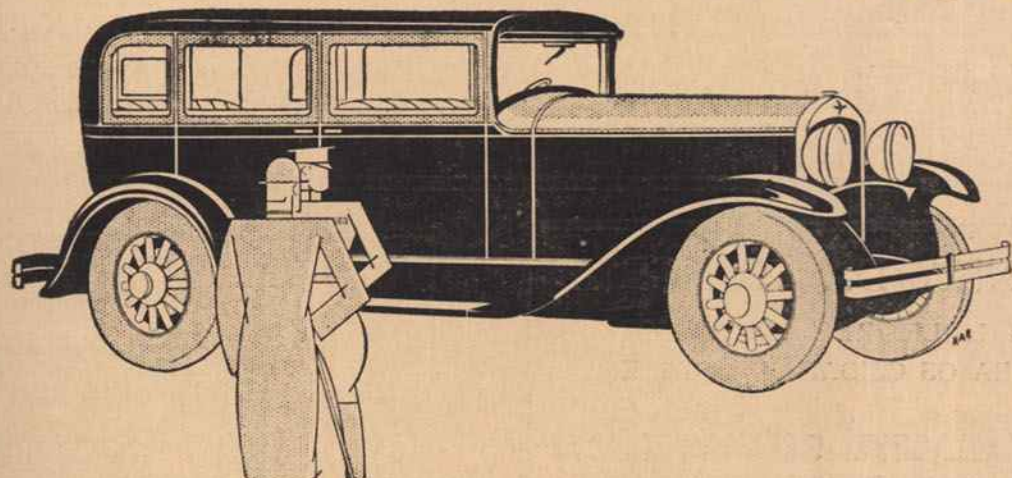


RAZÃO POR QUE TODAS AS PES-
SOAS DE BOM GOSTO A PREFEREM

Pedidos à Secção de Perfumaria da «EVA»

Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA

PORQUE É QUE ESTA CARROSSERIE INTEIRIÇA



É TÃO SILENCIOSA, TÃO SOLIDA E TÃO ESPACOSA ?

Seja dos primeiros automobilistas a ver e a apreciar a construção especial da carrosserie do novo carro Dodge Brothers Seis. Note a sua construção, um bloco unico, sem juntas. Tão solida e tão resistente que nem com milhares de quilometros andados em caminhos maus, se torna barulhenta ou desclegante.

Note a sua ligação directa com o chassis, dando uma maior altura interior e uma excepcional estabilidade a todo o carro.

Visite o nosso Salão de Vendas hoje mesmo e examine este novo processo de construção de carrosserie.

Apreciará um carro que é mais silencioso, mais espaçoso e de mais longa duração do que qualquer outro que tenha tido : o novo *Dodge Brothers Seis* !

VENHA E

EXPERIMENTE O NOVO

DODGE BROTHERS

BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

SEIS

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

Chrysler

O AUTOMOVEL DE INCOMPARAVEL VALOR...
O NOME DE INDISCUTIVEL GARANTIA...

PARIS PARA AS MODAS!...

CHRYSLER PARA OS AUTOMOVEIS!...

AGENTE GERAL
A. BEAUVALET
Rua 1.º de Dezembro
LISBOA

DISTRIBUIDOR NO NORTE
ANGEL BEAUVALET
Rua de Santa Catharina
PORTO

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



PERFUMES "ORIGINAL" DE GELLÉ FRÈRES PARIS

Deliciosas e finissimas essencias
de GELLÉ FRÈRES, PARIS,
extrahidas das mais finas flores
do Sul da França.

Escolha V. Exa o perfume da
flor da sua preferencia :
Rose-Violette - Fougère - Jasmin
Lilas - Muguet - Éillet - Chypre.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda 119, RUA DA MADALENA LISBOA



S. A. P. Serviço
com aviões

JUNKERS

Vôos — Sobre Lisboa, Propaganda Com-
mercial, Taxi a SEVILHA e a outros
pontos do estrangeiro e do País

AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL DA

Union Aerea Espanhola — Madrid

Lignes Aeriennes Farman — Paris

Vendas de bilhetes para as linhas exploradas por estas C.ª

AV. DA LIBERDADE, 3, 3.º — Telef. N. 5710



Depositários gerais para Portugal e Colónias:

ROBINSON, BARDSLEY & C.ª L.ª — Cais do Sodré, 8 — LISBOA

REO

HA 25 ANOS A CONSTRUCTORA DE QUALIDADE

A casa REO tem, nos seus 25 anos de existência, despenhado sempre um papel de primeira importância no progresso técnico da indústria automobilística, e muitas das inovações e aperfeiçoamentos aplicados pelos seus engenheiros, tem sido geralmente adoptados por outros fabricantes.

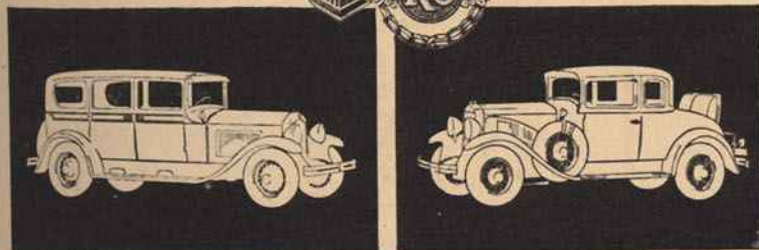
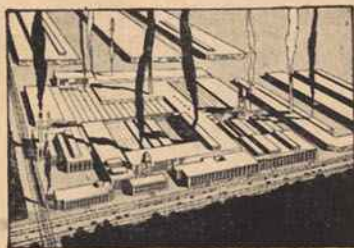
A casa REO tem sistematicamente fugido das novidades efémeras e teorias duvidosas e pode hoje constatar

com orgulho, que, durante 25 anos, nunca retirou qualquer modelo do mercado por o seu resultado prático não ter sido satisfatório.

A CASA REO NÃO SACRIFICA A QUALIDADE À QUANTIDADE

Não obstante, a área das suas oficinas e o número dos seus operários estão constantemente aumentando.

Os seus automóveis distinguem-se por um cunho de elegância e uma suavidade de marcha inextinguíveis.



♦ ♦ ♦
CONTRERAS & GARRIDO, L.^{DA}

Avenida da Liberdade, 165-171

Telef. N. 789 (P. B. X.)

LISBOA

Os poços mortíferos!
As imitações!

Desconfie da água dos poços e das imitações.

Use apenas os

LITHINÉS de GUSTIN

que vos darão uma água deliciosa, pura ou com vinho. Soberanos contra afecções do **fígado, estomago e bexiga**. Desconfie das imitações e exigi a marca do **Dr. Gustin**, á venda nas Farmacias.



O refresco ideal!

Para mitigar a sede durante a época calmosa, sem prejudicar a saúde, não ha como os saes de fructa ENO. De sabôr agradável, o ENO não só mata a sede como é, por assim dizer, a salva-guarda natural da saúde, que tanto se ressentem com os grandes calores! O ENO é um bom amigo do estomago e do fígado, e de grande beneficio para o intestino que, com a sua ajuda, se conserva no estado de limpeza tão necessario á saúde.

O ENO pode ser tomado como limonada, adicionandose-lhe sumo de limão ou de qualquer outra fructa.

Depositaris em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Co. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa"
e "ENO", assim como o estilo, são marcas
de fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

ENO

"FRUIT SALT"

"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos".

NOS DISCOS CLASSICOS

DA

"His Master's Voice"

ENFILEIRAM OS NOMES MAIS CONSAGRADOS NA ARTE DO BEL-CANTO.

ESTES ARTISTAS, QUE GRAVAM EXCLUSIVAMENTE PARA A "HIS MASTER'S VOICE", GRAVARAM RECENTEMENTE A FORMIDAVEL OPERA "AIDA" (COMPLETA) EM 10 DISCOS DUPL0S, SENDO A ORQUESTRA E OS COROS DO SCALA, DE MILÃO.



Irene Minghini Cottaneo
Giovanni Inghilleri

Dusolina Giannini
Aureliano Pertile



AGENTES EXCLUSIVOS

GRANDE BAZAR DO PORTO

LISBOA: R. Augusta, 152, 156 PORTO: R. Santa Catarina, 192, 198



Dez mil dollars por um boião de creme

Miss Seymour, filha do rico banqueiro de New-York, teria oferecido dez mil dollars ao perfumista parisiense JEAN DE PARYS para se assegurar o uso exclusivo do «Crème Siamois».

O que é, então, este famoso produto de beleza parisiense, tão apetecido?

O «Crème Siamois» corresponde às diversas necessidades da pele, que deve ser ao mesmo tempo embelezada e protegida, limpa e enfiada. Compõe-se de dois produtos gémeos:

O «Crème Siamois» de dia, destinado à «toilett» matinal, protege e embelez a epiderme, fazendo aderir permanentemente o pó.

O «Crème Siamois» de noite, usado para a «toilett» noturna, opera a limpeza da pele melhor do que o sabonete, e desobstrui a pele das impurezas e poeira.

O «Crème Siamois» é importado em Portugal por JERÓNIMO MARTINS & FILHO, Rua Garrett, 17, LISBOA, que têm a exclusividade de venda por atacado. Encontra-se em todas as boas perfumarias e farmácias.

É a última novidade de Paris.

VIAGENS A MADRID

Quem desejar ir a Madrid passar alguns dias tem presentemente facilitada a sua deslocação não só pelo bom serviço de combóios (rápido e correio diários), existente entre Lisboa e Porto e aquela capital, como também pelas importantes vantagens facultadas pela tarifa recentemente publicada que estabelece a venda de bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos, os quais se encontram à venda nas estações de Lisboa-Rossio e Porto.

A validade destes bilhetes é de 30 dias improrrogáveis e os seus preços são os seguintes (via Valência de Alcântara):

De Lisboa-Rocio

	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe
Escudos . . .	105\$30	73\$75	48\$00
Pesetas . . .	70,85	50,45	35,70

Do Porto

Escudos . . .	157\$00	110\$05	71\$80
Pesetas . . .	70,85	50,45	35,70

Embora os preços relativos ao trajecto em Espanha estejam indicados em pesetas, o preço total é cobrado em escudos de harmonia com o câmbio fixado periodicamente. Aos preços assim obtidos acresce a sobretaxa de velocidade quando utilizados os combóios rápidos nos percursos portugueses.

GUSMÃO LIMITADA

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS GRÁFICOS
GRANDE STOCK DE TINTAS DE IMPRESSÃO

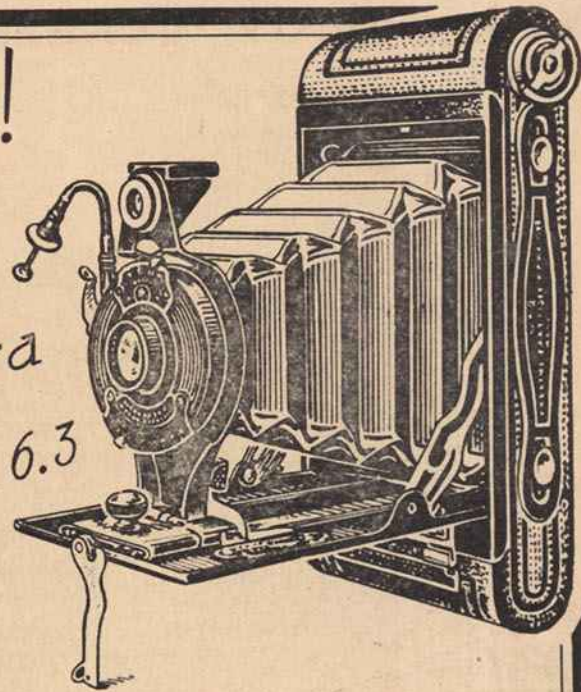
DA CASA KAST & EHINGER

MAQUINAS,
MASSA PARA ROLOS, ETC.

Agentes das principais casas de papel
da Alemanha

Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

Por 280\$00!
 um "Kodak"
 com verdadeira
 anastigmática f. 6.3



V. Ex.^a deseja levar convosco para férias, um aparelho fotográfico, cómodo, pratico e simples e que, sendo pouco dispendioso, possua uma objectiva de bastante luminosidade para fixar, com perfeita nitidês, todo o encanto das horas maravilhosas que ides viver

"Kodak Hawk-Eye"

com objectiva verdadeira anastigmática f. 6.3

é o aparelho que corresponde exactamente aos vossos desejos. A sua objectiva, tão penetrante como os olhos do falcão, munida dum obturador de precisão "Kodex", a solidez dos seus órgãos, a sua espectral facilidade de manejo, tudo vos garante que, com ele, nenhuma das vossas fotografias será perdida.

"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva acromática . . .	220\$00
"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva rápida rectilínea	250\$00
"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva anastigmática f.6.3	280\$00

Uma nota importante

V. Ex.^a pode adquirir um "Kodak", pagando-o em dez prestações mensais, o que vos permitirá escolher um melhor modelo. Dirija-se à casa de artigos fotográficos mais próxima e peça detalhes sobre a maneira de aproveitar as vantagens do Sistema "Kodak", de Vendas a Prestações.

Película "Kodak,"

Para terdes a certeza de obter bons resultados deveis usar sempre Película "Kodak," — na sua conhecida caixa amarela

Papel "Velox,"

Exija sempre que as vossas provas sejam impressas em "Velox," o papel expressamente fabricado para trabalhos de amator.

Kodak, Limited → Rua Garrett, 33 — LISBOA



PO d'ARROZ de perfume delicioso
fino e adherente, é o pó d'Arroz ideal
PEDIDOS a SECÇÃO de PERFUMARIA da EVA
Largo Trindade Coelho, 10. — LISBÕA
Caixa de leque: 10 \$ 00 — á cobrança: 11 \$ 50

UM NOVO RECORD

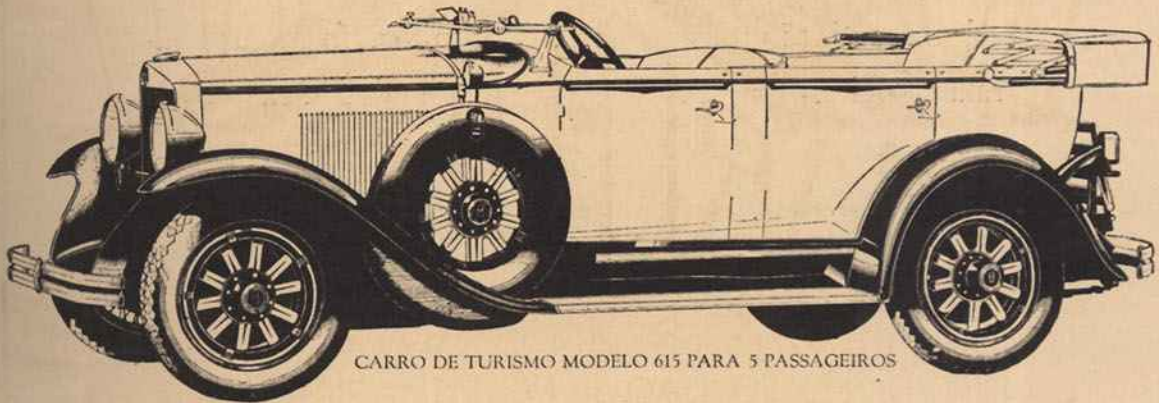
AUTOMOBILISTICO



A GRAHAM-PAIGE oferece uma variedade de tipos de carroceria, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, em cinco chassis, de seis e de oito cilindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o Modelo 612.

OS GRAHAM-PAIGE de seis e de oito cilindros — apresentados o ano passado — alcançaram o maior numero de vendas jamais igualado por nenhuma outra marca de automoveis no primeiro ano da sua apresentação. Na nova serie de modelos actualmente em exposição estamos certos de que V. Ex.^a encontrará numerosos melhoramentos em apparencia e construcção ao par dum valor ainda maior.

*Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



CARRO DE TURISMO MODELO 615 PARA 5 PASSAGEIROS

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA — Salão de Exposição e Serviço, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel. — (P. B. X.) N-2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA} — 129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

U
L
T
I
M
A



P
A
L
A
V
R
A

Depois de aturados estudos efectuados nos nossos laboratorios, conseguiu-se finalmente descobrir o

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)

o insecticida liquido verdadeiramente eficaz e radical na extinção das moscas, mosquitos, formigas, baratas, pulgas, percevejos, traças, e dos seus ovos

**A' VENDA NAS PRINCIPAIS DROGARIAS, MERCEARIAS, ETC.
E POR GROSSO, NA**

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^A LTD

SHELL

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o País

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE:

EMPRESA NACIONAL

DE PUBLICIDADE

E

AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

16 DE JULHO DE 1929

O SALVAMENTO DOS TRIPULANTES DO «NUMANCIA»

EM CIMA: — O tenente da marinha inglesa, Kilroy, da tripulação do «Eagles», jovem, valente e... guapo, ao chegar a Madrid em nos braços das lindas «municeras» do Palácio, que assim o recompensaram de ter avistado, no sabor das ondas, o «tormenta», de Ramon Franco.

EM BAIXO: — No palácio do Governo, em Gibraltar. A entrega oficial dos aviadores pelas autoridades Inglesas às espanholas. Os heróicos naufrágos ainda conservam os fatos que lhes emprestaram, a bordo, os oficiais do «Eagles». No grupo: Lopes Ferrer (1), consul de Espanha em Gibraltar, Ruiz de Alda (2), o comandante do «Eagles» (3), Ramon Franco (4), o governador de Gibraltar (5), Gallarza (6) e o mecânico Madruga (7), em cuja cabeça se vê ainda o penso do ferimento que sofreu quando da largada do avião de Las Alcazars.

(Foto Pictis)



(Todas as fotos publicadas pela nossa revista são inéditas, exclusivas e verificadas)

(Foto Vidal)

CRONICA DA QUINZENA

Muitos milhares de pessoas assistiram, outro dia, no Campo Pequeno, ao duelo entre o illustre sopapista português, sr. Camarão, e o não menos illustre sopapista belga, sr. Charles. Tratava-se do campeonato da Europa, em matéria de sopapo, honra que o português disputava ao belga, dignidade tão grande que não pode caber a mais dum, superior a ela havendo apenas o campeonato do Mundo, que por certo o nosso Camarão disputaria no primeiro ensejo que se lhe oferecesse.

O belga venceu o português; mas há derrotas que são triunfos, como há triunfos que são verdadeiramente derrotas.

Um dia o general Hoche, tendo perdido uma batalha, apresentou-se a Carnot, comissário do Povo junto dos Exércitos em Campanha, aniquilado pela dôr e pela vergonha, e humildemente fez entrega da sua espada, renunciando ao seu comando.

Disse-lhe o famoso organizador da defesa nacional:

— Uma derrota não é uma vergonha, quando se fez tudo para alcançar a vitória.

Os que assistiram ao famoso duelo do Campo Pequeno, muitos milhares de pessoas, viram bem que o nosso Camarão fizera tudo para alcançar a vitória, podendo-se-lhe aplicar a frase de Carnot, sem vislumbres de parcialidade.

Consideradas as coisas sob certo ponto de vista, não forçando a lógica nem armando ao paradoxo, poderia dizer-se que a vitória coube ao Camarão, nome já agora inserido nos factos gloriosos do Sopapo. Desse êle no belga metade dos murros que apanhou, e Charles teria ficado no campo da honra, morto ou para sempre inutilizado, as costelas num feixe, a cabeça num bôlo, os queixos à banda, grotesco na sua desgraça. O nosso sopapista tem oito arrobas de peso bruto e dois metros de altura; não é conhecida a sua força dinamométrica, porque ainda nenhum dinamômetro resistiu a um murro dos seus punhos fechados. Deve ser enorme, qualquer coisa a lembrar o Hércules da mitologia, pelo menos o Samsão da lenda, capaz de mudar o zimbório da Estrela para o Terreiro do Paço. Se fosse ágil como é pesado, o seu *m^o*, produto da massa pelo quadrado da velocidade, mesmo que a sua velocidade não excedesse a dum combóio rápido nas linhas do Sul-Sueste, chegaria para fazer dêle um terrível ariete, capaz de abrir larga brecha na mais dura e espessa muralha.

Todos os portugueses que vivem no culto

das mais lídimas glórias nacionais, passadas, presentes e futuras, devem considerar atentamente o que se passou no Campo Pequeno, no já agora histórico dia 30 de Julho de 1920, para não caírem em desânimo quando os assaltarem dúvidas sobre o vigor e a resistência da raça.

Como no *Coliseu*, em Roma, no tempo em que os escravos e os cristãos eram atirados às feras, para divertimento do maior povo da Terra, os espectadores do Campo Pequeno, homens, mulheres e crianças, vibravam de comoção, os olhos pregados na arena, suspensos... dos punhos dos illustres sopapistas, quasi a saltar-lhes o coração do peito, na terrível ansiedade dos momentos trágicos e decisivos. Dir-se-lhia que do curro, em jaula bipartida, iam sair um touro e um leão; que no ring iam aparecer dois gladiadores famosos, e que da luta entre êles dependia a glória dum Povo, a sorte dum País cheio de tradições gloriosas.

Aquela multidão vibrava, estremeceu, como se a percorresse uma corrente eléctrica, e ela representava, naquele momento, todo o Portugal de norte a sul, do oriente ao occidente, os seis milhões de lusos que, segundo as estatísticas, sujeitas a rectificação, moirejam alegremente neste jardim da Europa à beira-mar plantado.

A alma nacional incarnou em José Santa; a exaltação patriótica do Povo fez dêle um herói e um símbolo — herói dos maiores feitos que a nossa História regista, símbolo de tôdas as virtudes e merecimentos que são timbre da nossa grei. Por isso a multidão que enchia a praça, como se fôsse um só homem, ou como se fôsse, toda ela, o ponto de aplicação duma força super-humana, apenas êle tomou posição, frente a frente do adversário, num delírio de entusiasmo, que era ao mesmo tempo orgulho e esperança, só não lhe gritou o *Avé, César!* dos romanos, por lhe fraquejar o latim. E quando o Camarão, a escorrer sangue, impávido como o varão justo de Horácio, ouviu a sentença do árbitro, dando o belga por vencedor, muitos olhos se arrasaram de lágrimas, e foi como se uma voz misteriosa anunciasse uma desgraça próxima, novamente o desastre de Alcácer-Kibir, outra vez a perda da nacionalidade.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

...Há semanas, numa romaria a Vale de Lobos, para colocar uma lápide na casa onde morreu Herculano, não chegaram a juntar-se quatro dúzias de pessoas.

Num bocadinho de tarde, três quartos de hora, dando e levando sopapos, os *boxeurs* do Campo Pequeno, aplaudidos como heróis, empôcharam três ou quatro vezes mais escudos que uma dúzia dos mais festejados escritores portugueses, num longo ano de trabalho.

• •

O caso Asuero pouco ou nenhuma repercussão teve fóra da Espanha, a não ser em Portugal, países de mentalidade similar e civilização equivalente.

Os ferradores portugueses, a que talvez não ficasse mal, nesta época de torrencial democracia igualitária, chamar doutores de martelo e bigorna, tinham preparado o meio favorável à impregnação asuerista, que se fez sem resistência, sobretudo na capital, onde já tinham operado com êxito, há anos, as chibnesas dos bichos.

Na formação das lendas, muitas vezes de carácter alucinatório, o ponto de partida é um facto real, desfigurado na sua essência, pervertido o seu natural significado e exagerado o seu alcance por circunstâncias de meio e de ocasião. Negar êsse facto, em nome de princípios absolutos, pretendidamente científicos, é fechar proposadamente os olhos perante sucessos que não sendo fábulas nem sendo milagres, importa sujeitar à análise e à crítica, quer para afirmar uma verdade, quer para negar um erro. Lamentavelmente se confundiu o facto com a sua explicação, o não se quis atender a que ao doente só o facto interessa, pouco lhe importando a explicação que êle possa ter. Não quero falar de alucinação colectiva, a propósito da sidero-tenquenia de S. Sebastian ou da reflexo-terapia de Chão de Maçãs, porque tal fenómeno se não produziu. Houve um restrito contágio mental, uma pequeníssima infecção psíquica, a que resistiu a vigorosa saúde da comunidade.

Não seria justo que ao Camarão, expoente máximo da raça se oferecesse um punho de honra, em bronze épico, e se oferecesse ao Mestre João, de Chão de Maçãs, uma ferradura de prata, cravejada de rubis e diamantes?

Honremos a Pátria, que a Patria nos honrará.

BRITO CAMACHO.

O SALVAMENTO DO DORNIER 16

O nosso colaborador e amigo Novais Teixeira que, em Gibraltár, como enviado do «Diário de Notícias», fez a triunfante reportagem deste acontecimento para aquele grande rotativo, teve a gentileza de nos enviar as notas que a seguir publicamos e que são carosíssimas como todo o trabalho jornalístico daquele querido camarada.

Madrid-Atocha. Expresso de Algeciras. Família, amigos e camaradas dos aviadores do Numancia. Tudo cheio. Nos corredores de primeira, grupos intridos de jornalistas. A reportagem promete notas sensacionais. Franco e o comandante do Eagle são o alvo a atingir. Para a Espanha, Mr. Lawrence, é agora um novo Deus que ressuscita mortos! Falaria Mr. Lawrence? Oh, a prudência britânica!... Falaria Franco? Talvez. Ainda está por desmentir a loquacidade peninsular. Alguns — os mais felizes — exibem credenciais da Embaixada inglesa. Quanto a Franco, para quê? Quem não conhece o herói do Plus Ultra? O combóio arranca com nósco. Vamos confirmar o milagre pelos nossos próprios olhos. A frase justa irromperá do coração de Dimas Madariaga, o irmão do mecânico credível e nosso companheiro de viagem. A volta da frase forjam-se as primeiras crônicas.

— Parada y fonda!

Salto à gare.

— Oiga! Oiga! El telegrafo, me hace el favor!

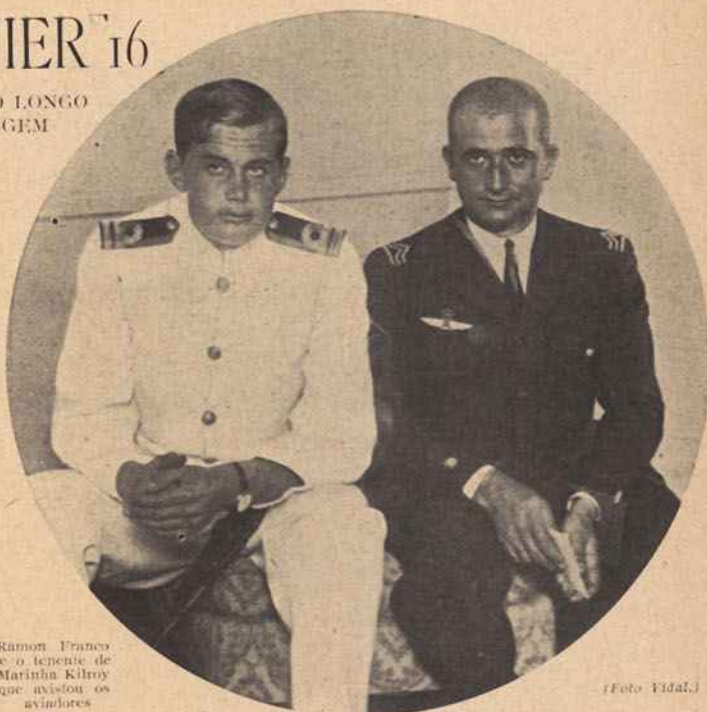
E as estações telegráficas são invadidas. A curiosidade do mundo, toda ela pendente das incidências do milagre, começava a receber as primeiras notícias.

Algeciras. Baía imensa. Azul límpido, emoção

NOTAS RÁPIDAS AO LONGO DUMA REPORTAGEM

Grito cantante de felicidade e entusiasmo. Nos cais, um gentio imenso fervilha em exaltação humana e numa imensa ânsia de chegar depressa. É além, no «Eagle», que estão os heróis ressuscitados. Duas lanchas inglesas transportam-nos a bordo. Subimos. A charanga de bordo, perfilada e inconcebível de automatismo, rompe com a Marcha Real espanhola. Os oficiais ingleses são assolados a perguntas. Declarações talhadas no mesmo molde; sem novas peripécias pitorescas ou novos relatos inocentes. Nem uma impressão a mais, nem uma palavra a menos. Oh, a impassibilidade britânica! Estamos sobre uma enorme chapa de ferro, plataforma móvel, sobre a qual nos içam à coberta. Tudo processos mecânicos; para o larco, para os lados e para — os homens. Lá em cima, o Dor-

Ramon Franco e o tenente de Marinha Kiltroy que avistou os aviadores



(Foto Vidal.)

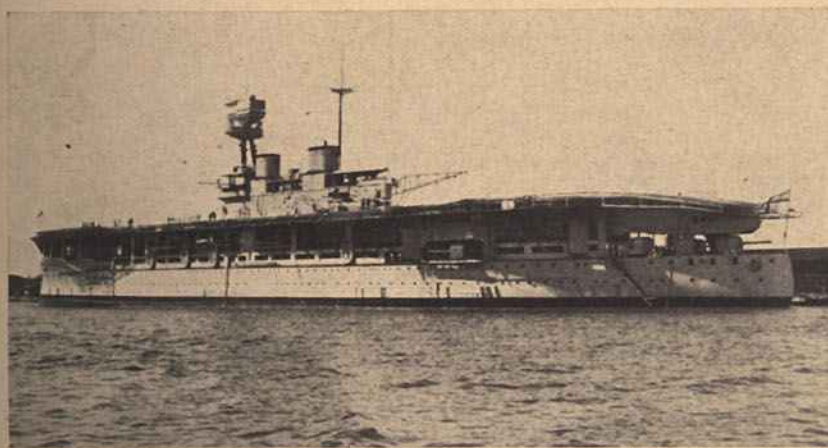
ciosa, não perde detalhe... Estão em registro as avarias do hidro. Novo impulso na massa e lá vai ela deabalada ao encontro dos ressuscitados que naquela altura aparecem. Há rostos afogueados, olhos rasos de lágrimas e aplausos frenéticos. Franco e seus companheiros vestem fatos emprestados; sobram-lhes pernas, braços e pescoço. E o espírito espanhol, pouco propenso a lágrimas, afoga a sua emoção em gargalhadas estentóreas. Para nós, os dos jornais — homens cínicos, invejosos, egoístas, — os heróis ressuscitados perdem forma corpórea e transformam-se mágicamente... numa informação sensacional. Cnovenem incidências divertidas, anedotas curiosas e relatos emotivos. Que pena que tivessem sido tão poucas! Fôsse embora à custa do sofrimento dos pobres náufragos do Numancia, agora batidos pelo mar proceloso do jornalismo em voga. Onde haverá um outro Eagle que os salve!

— Terra! Outra vez terra!

E nós, que também verificamos o milagre pelos nossos próprios olhos, com os nervos fustigados por cinco dias de peripécias, anedotas e processos singulares do jornalismo em voga, a cabeça aturdida com tantas aclamações — Algeciras-Madrid, desde o litoral da Península — qual reguero de pólvora a explodir nas estações do trajeto, julgamo-nos a bordo dum novo Eagle, livres das ondas impiedosas e dos ventos inclementes — sófregos tubarões da imprensa amiga!

Madrid, julho de 1929.

NOVAIS TEIXEIRA.



O porta-aviões inglês «Eagle», que salvou os náufragos do «Numancia» (Foto Piortiz.)

serena. Entre céu e água, mípcias de cor. O sol estende-se em amoroso afago. Um vaporito, a impar de almas que afluem de toda a Andaluzia, vai-nos levar a Gibraltár. Em frente, o Peñon. A magestosa imponência da gigantesca roca ablica do seu poderio para nos franquear a entrada. Navegamos. Delicada e submissa, a linda cidade inglesa acolhe-se ao seio da ciclópica mole. Assomam notas de frialdade britânica. As tonalidades verdes da Andaluzia esbatem-se em grises nebulosos e macios.

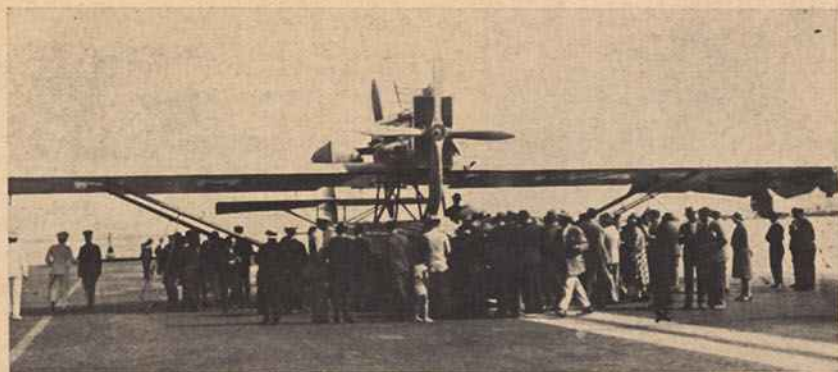
— Terra!

Tudo correcto e ordenado — traçado à régua. Estávamos decididamente num outro mundo. E, comóscio, o mundo transformava-se. Desordem, bulício, riscos traçados à mão. É a avalanche assoladora dos jornalistas peninsulares, impulsivos e fogosos como a própria raça, à caça da última notícia, da última anedota, da nota estridente e sensacional. E o telégrafo mantém latente a ânsia de consolar os que lá longe esperam a confirmação do milagre.

— Eagle à vista!

Domina o espírito espanhol. As bandeiras inglesas fundem-se no oiro fulvo e no sangue vivo da Espanha que espera. Sangre y oro!

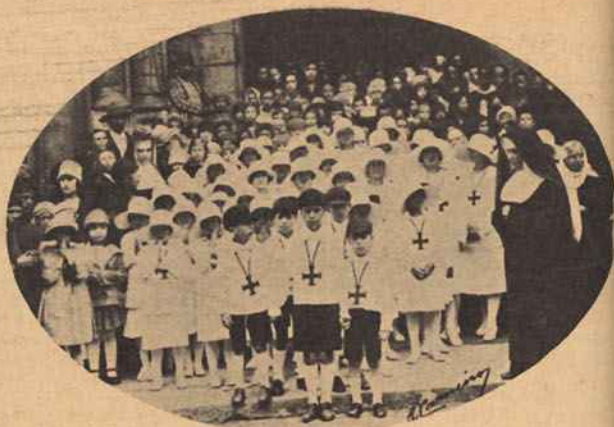
nier 16 repousa das fadigas do mar. Sete dias e sete noites em luta constante com as ondas do mar! É a avalanche dos jornalistas, ladina e



Os jornalistas, sobre a coberta do «Eagle», observando as avarias do «Dornier 16» — Marcado com (x) o nosso correspondente Novais Teixeira (Foto Piortiz.)



A casa Nestlé efectou uma "matinée" na Central para distribuição de 200 lindos prêmios do Concurso dos Chocolates Nestlé que conquistou um êxito. Um grupo dos pequenos concorrentes (Foto Solazar Dentis.)



NO OVAL DE CIMA: — No Congresso Eucarístico, em Viana do Castelo. Crianças da comunhão à saída da igreja matriz. (Foto A. Carneiro.)



NO OVAL DA ESQUERDA: — Peregrinação ao monte de Santa Luzia (Viana do Castelo) e missa campal por ocasião do Congresso Eucarístico. (Foto Aureliano Carneiro.)



EM CIMA: — Congresso Eucarístico em Viana do Castelo. Chegada da Nunciatura Apostólica e prelados à Câmara Municipal. (Foto Aureliano Carneiro.)



EM CIMA: — Casamento realizado em Mossalmedes da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ilidia da Cruz Bento, filha do sr. José da Costa Bento, industrial em Mossalmedes e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria J. da Cruz Bento, com o sr. Alfredo J. de Macedo Robela Mota, chefe do Pêlo Civil da Ilha dos Tíares, filho do capitão-tenente Augusto Robela Mota e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria L. Robela Mota; já falecida.

NO OVAL DE BAIXO: — Casamento aristocrático da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Carlota de Lemos Seixas de La Cecla Castelo Branco (Real Agrário) com o sr. Alexandre de Saldanha da Gama de Cabedo (Zambujal). Os noivos com família e convidados.



NO MEIO: — Casamento elegante, realizado em Braga, da Excelentíssima Senhora D. Teresa de Aranda com o don. Sr. J. Teófilo Esquivel, ilustre médico em Peniche. Os noivos, após a cerimónia.

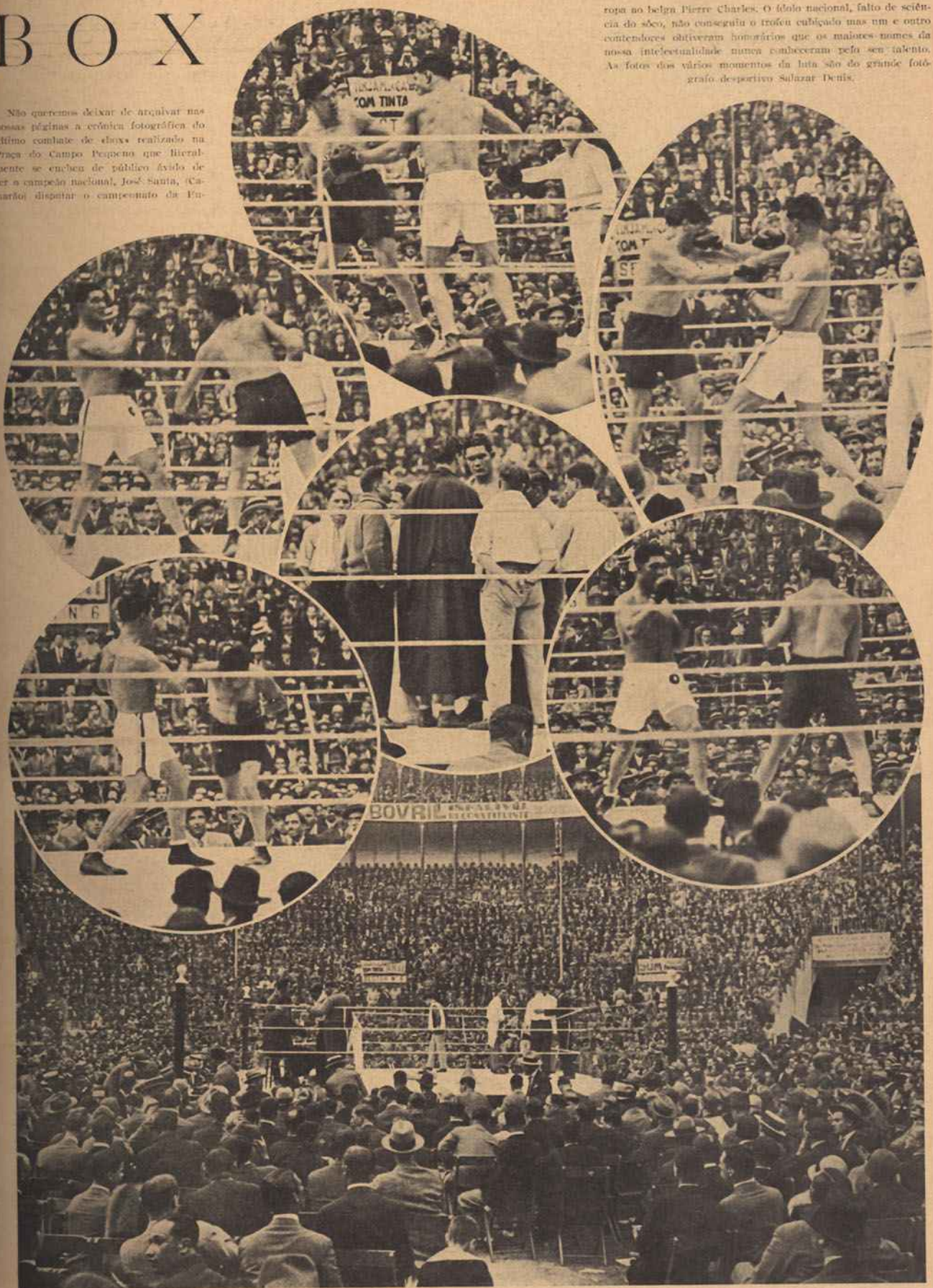
(Foto E. Portugal.)



BOX

Não queremos deixar de arquivar nas nossas páginas a crônica fotográfica do último combate de boxe realizado na Praça do Campo Pequeno que literalmente se encheu de público fixado de ver o campeão nacional, José Santa, (Camarião) disputar o campeonato da Eu-

ropa no belga Pierre Charles. O ídolo nacional, falto de ciência do sêco, não conseguiu o troféu cubilhado mas um e outro contendores obtiveram honorários que os maiores nomes da nossa intelectualidade nunca conheceram pelo seu talento. As fotos dos vários momentos da luta são do grande fotógrafo desportivo Salazar Denis.



NOTAS VARIAS



AINDA A MORTE E FUNERAIS DO SR. BISPO DO PORTO. — *À esquerda*: — D. António Barbosa Leão no seu leito mortuário, velado pelos seus humildes protegidos

EM BAIXO, *à esquerda*: — Um aspecto do cortejo fúnebre passando na Praça da Liberdade

EM BAIXO, *à direita*: — O côco fúnebre conduzindo o corpo do venerando e saudoso prelado, vendo-se atrás dele as autoridades civis e militares do Porto

(Fotos Álvaro Martins.)



NO OVAL DA ESQUERDA: — O funeral do Rev.º Bispo do Porto, O novo Bispo do Porto D. António de Castro Meixões (r) e o Rev.º Bispo de Viseu, presidindo ao cortejo fúnebre

(Foto Álvaro Martins.)

EM BAIXO, *à esquerda*: — Trecho da elegante gimkhana motociclista ultimamente realizada em Sete-Rios

EM BAIXO, *à direita*: — Um dos concorrentes premiados na gimkhana motociclista, tocando a sineta



UMA FIGURA NOTAVEL DR. MANUEL ALVES

Regressou, há dias, a Luanda o Vigário Capitular de Angola Mgr. dr. Manuel Alves da Cunha. Teria regressado como viera, ignoradamente, quasi a ocultas, se a indiscreção de um jornal, indiscreção amável e justa de resto, não tivesse revelado, à última hora, a data da sua partida.

Só por isso apareceram no Cais da Fundição a apresentar-lhe cumprimentos e homenagens centos de pessoas de todas as classes que no dr. Manuel Alves da Cunha admiram e veneram um dos maiores portugueses do nosso tempo, pelo seu provado patriotismo de missionário insigne, pela sua brilhante intelligência e cultura, pela sua bondade excelsa e pela sua inegualável prestabilidade. Quem estas linhas escreve conhece alguns missionários admiráveis, alguns professores de relevo, alguns atentos investigadores, algumas pessoas bondosas que passam a vida a ser úteis e agradáveis aos outros.

Mas o que não conhece é quem, sob uma perfeita humilde cristã que de tudo se despoja para dar ao seu semelhante, refina uma tal soma de méritos e de virtudes, applicados apenas e constantemente ao bem alheio.

O sr. dr. Manuel Alves da Cunha podia ocupar na Igreja os mais distintos postos. A sua cultura, a sua intelligência, a inteireza do seu carácter, os seus diplomas e o seu indiscutível prestígio davam-lhe direito a elles. Quem o viu, porém, pretender trocar a simplicidade digníssima e suprema do seu título de padre, pelas altas funções com que a Igreja não podia deixar de distingui-lo??

A todas preferiu a admirável, a gloriosa missão de fazer portugueses e católicos, milhares de indígenas que o não eram.

A sua função de missionário illustre e abnegado, mais do que qualquer outra, se harmoniza com o seu temperamento. E para essa

DA CUNHA VIGARIO CAPITULAR EM ANGOLA

função tem vivido há algumas dezenas de anos, preocupado apenas com bem servir, depois de Deus, a Pátria que é a sua segunda religião. Mas servi-la como ninguém mais saberia fazê-lo: modesta, calma, firme e tenazmente. Onde é necessário e onde é possível servi-la. Por todos os modos porque se pode bem servir o interesse nacional.

Assim o vemos convertendo e civilizando negros e instruindo e educando brancos.

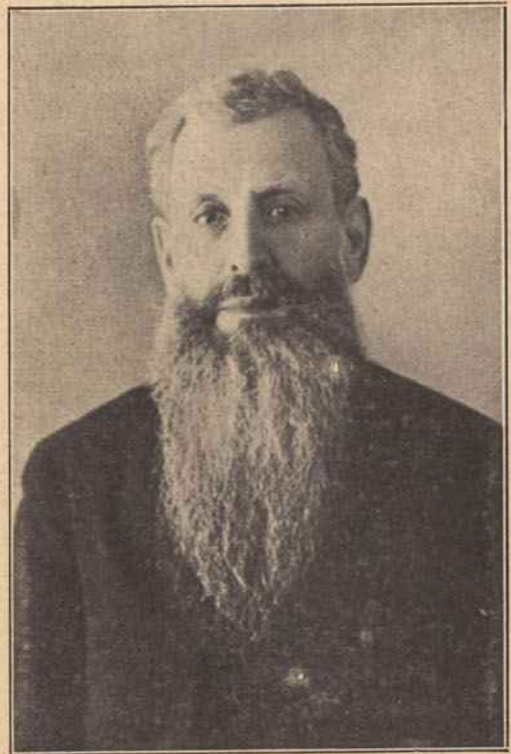
Missionário, professor e escritor nem soube sequer recusar nunca o conselho do seu muito saber e da sua nobre experiência da vida e dos homens, aos que, em nome da Nação, lho solicitaram.

E não só o não recusou mas lealmente o ofereceu quando o superior interesse do país e de Angola, sua parte importante e integrante, o exigiram. Vaj para mais de 30 anos que, em Angola, nenhum governante recorreu debalde ao dr. Alves da Cunha. E todos temem que lhe agradecer e todos lhe são devedores.

Porque a nenhum elle deixou de falar clara e lealmente, como era mister.

A nenhum.

Tal como o fez quando o comandante João Belo o chamou para seu colaborador, que o



foi competente, dedicado e lealissimo, como ninguém melhor poderia sê-lo.

Político, então, o sr. dr. Alves da Cunha? Se por político se entende quem coloca acima de tudo, de todos os prejuizos e reservas, o bem do seu país, evidentemente que o venerando Vigário Capitular de Angola tem sido um grande político, a par de um colonial insigne e respeitabilissimo.

Só essa politica pode e sabe fazer quem votou a sua vida inteira ao serviço da Igreja e da Pátria.

É tanto que, aos 60 anos, com 30 de Africa, prefere ao repouso a que ninguém lhe contestaria o direito, a actividade do seu apostolado magnifico.

Foi para isso que regressou a Luanda o padre Manuel Alves da Cunha. Quem o viu partir pequeno, franzino e modesto, nem supõe que superiores pensamentos e sentimentos o movem na vida.

Entretanto Angola rejubila e rejubilam muitos, quasi todos os que lá trabalham e não podem encontrar quem, com mais completa isenção e com maior carinho, lhes seja tão bom amigo e tão dedicado e leal animador.

J. S.

FIGURAS DO MOMENTO

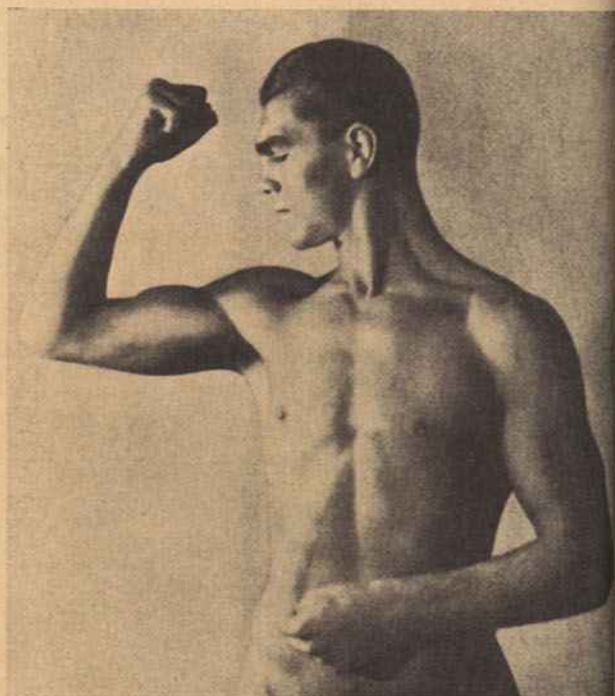


PAULINA SINGERMAN

A mais jovem e mais brilhante e aclamada das actrices argentinas, irmã de Berta Singerman e uma formosura de destaque incontestável.

MAX SCHMELLING

JÓVEM boxeur alemão, aluno da Universidade de Berlim, Faculdade de Filosofia, grande esperança germânica na disputa do campeonato do mundo e que, contra a expectativa geral, acaba de obter uma vitória nítida, brilhante, sobre o colosso espanhol Paolino Uzcudun, considerado temível e de quem dispôs em absoluto, dirigindo o combate com a sua incontestável sciência pugilística. Os meios desportivos aguardam, ansiosos, a luta de Schmelling com Sharkey.



DR. LEONARDO DE CASTRO FRIERE

ILUSTRE médico pediatra português, um dos mais distintos da sua especialidade e de quem, recentemente, num banquete de homenagem, disse o sábio professor Salazar de Sousa, ser o homem de sciência indicado, pelas suas faculdades, para o substituir na regência da sua cadeira, a que, no futuro tinha o mais absoluto direito.



GENERAL CRAVEIRO LOPES

Novo governador geral da Índia, de cuja administração muito tem a esperar aquele grande territorio de Portugal ultramarino.



ARMANDO DE VASCONCELOS

PRIMOROSO encenador teatral que acaba de obter um triunfo com a montagem da última peça musicada do Trindade.



WENCESLAU DE MORAIS

O grande prosador do *Dal Nippon* acaba de falecer no Japão, de onde nunca quis sair, nem mesmo quando a doença lho exigia. Com Wenceslau de Moraes desaparece uma figura ímpar das nossas letras, um fino prosista, um poeta maravilhoso que igualou quasi Lafcadio Hearn na subtilidade decorativa das suas aguarelas exóticas. Mais escritor e mais forte artista do que o famoso Pierre Loti, Wenceslau de Moraes teria sido universalmente estimado se não fóra português. Deixa, contudo, na nossa lingua, páginas do mais fulgurante brilho, incomparáveis e inesquecíveis.

MUSEU DO
PRADO
MADRID



HERRY MET DE BLES
ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

A "GRANDE MADEMOISELLE"

OU A QUE MORREU DE AMOR

Numa das minhas conferências literárias do Rio de Janeiro procurei demonstrar que não se morre de amor. Em abono desta precária tese eu trouxe a conselho, acordados nos seus leitos de legenda e de lirismo, as maiores amoras do *flos-sanctorum* profano: — as que mais amaram, as que mais sofreram, morrendo tólas de morte natural, morrendo quasi tólas em veneranda decrepitude.

Hoje, diante da figura bizarra da Grande Mademoiselle, da Casa de França, que eu conhecia já de Dumas pai, e doutros evocadores romanescos e históricos, abato a insignia da rebeldia contra o dogma da paixão assassina, confessando a existência do amor veneno mortal.

É não é um romancista, não é um poeta lírico quem me leva à confissão. É Mr. Henri Robert, o calmo e cristalino *ex-batonnier* da ordem dos advogados franceses, através da sua obra notável *Les grands procès de l'histoire*.

De facto, lido o processo da duquesa de Montpensier, da Grande Mademoiselle, verifico-se, sem sombra de dúvida, que ela morreu queimada na chama viva do seu próprio coração.

Mas, o presente drama histórico, se por um lado aceita a tese sustentada e documentada na minha conferência, por outro lado reforça uma teoria tantas vezes por mim posta em vulgar: — quem não paga o que deve à mocidade, paga em dobrado o que não é devido à velhice.

O amor não tem nas sciências naturais da espécie a classificação de fruto. O amor está antes no catálogo como flor. Por isso, se nos furtamos a que é venha engalumar a primavera dos olhos fugurantes de mocidade e da cabeça estuante de vigor, a sua vingança não falla nunca: — ao sentir-nos enfraquecidos para a resistência, flor murcha, flor pendida, enfeitase de *ché-ché*, carrega-se de ridiculos postigos, e toma-nos conta dos derradeiros dias inverniços, — obrigando-nos a pagar os pesados juros da senilidade a fingir de juventude, as tristes alebaldas do grotesco a dar-se ares de cidade.

É o caso sábio do fogo nas moradias novas e nas casas velhas. O fogo da moradia nova pode extinguir-se, sem deixar mais do que leves estragos. O fogo da casa velha leva tudo — não deixa senão destroços e rescaldo.

Ouçamos então a história da que não querendo amar, morreu crestada de amor, — confirmando, além do mais, o sábio preceito do Cardeal de Retz: — *L'esprit n'est rien sans le cœur*.

O seu lema de amor, escrito e seguido na mocidade, é uma excomunição maior cominada contra os ardis e impulsos do soberano

Cúpido: «Tenho uma grande aversão pelo amor, (afirma, nas suas Memórias) mesmo pelo que conduz ao casamento, tanto esta pai-



A «Grande Mademoiselle», duquesa de de Montpensier. (Retrato atribuído a Mignard)

xão me parece indigna duma alma bem formada».

No entanto, esta mulher, que com tal sanha se pronuncia contra o amor, não pertence à família patológica das degeneradas viragos avessas ao casamento. Pelo contrário: — foi o casamento a aspiração máxima da sua vida.

O que não queria, nem podia sequer admitir, era o casamento condicionado ao amor — essencialmente indigno duma alma bem formada». Admitia-o, desejava-o, mas como consequência racionada de certos interesses de família, ou de indeclináveis deveres sociais.

Assim, ela, neta do rei Henrique IV, sobrinha do rei Luís XIII, filha do príncipe Gastão de Orleans, e a mais rica herdeira da França, começando quasi do berço a estender os braços ao casamento, entrou logo a escolher pelo mais alto: — escolheu o primo Luís XIV — escolhia que a mãe do futuro rei Sol, Ana de Áustria, expressamente autorizou. A rainha chamava-lhe «nora» desde o nascimento do filho.

Aos treze anos, tendo três o delfim, já ela falava no seu *petit mari* — no seu maridinho.

Richelieu, porém, com a insensibilidade frequente nos senhores omnipotentes e a subordinação política às razões de Estado, quebrou-lhe o encanto, cruelmente, violentamente, obrigando-a a renunciar ao insensato projecto — no que foi aplaudido por Ana de Áustria, no lance esquecida da palavra dada.

É aqui temos a primeira desilusão da Grande Mademoiselle — não desilusão colhida nos lirismos do amor, desilusão aceita das rígidas aritméticas do cálculo.

Depois desta, aos treze annos, as desiluições sucedem-se, obstinadas, inexoráveis, num tom chocarreiro e caminatório de zombaria do destino: — é o Cardeal-Infante, seu noivo de um dia, no dia seguinte amortilhado nos Países-Baixos; é o Conde de Soissons, brilhante de todos os honrosos trazidos do nascimento e conquistados na guerra, mais velho do que da vinte e quatro annos, com quem decide casar, logo tombado para sempre na batalha de Marfée; é Carlos II de Inglaterra, que lhe turva os olhos à miragem tentadora da coroa de rainha da Gran-Bretanha — miragem que se desfaz na poeira vaga das realidades implacáveis.

Este aspecto da sua acidentada existência é o que melhor lhe define o carácter estranho.

Na Inglaterra dá-se a revolução de Cromwel. Cromwel, em nome do Parlamento offendido, levanta-se contra Carlos I e Carlos I é decapitado na Praça de Whitehall. Seu filho, também Carlos, refugia-se na Escócia, onde o partido realista o aclama rei, donde a facção parlamentar o força a fugir para a França.

Destituído do seu reino e das suas riquezas, tão fallho de bens temporais que ao entrar em Paris pouco mais leva no régio espólio do que certa taça de ouro das suas libações, a Grande Mademoiselle aparece-lhe como a salvação: — rica, colossalmente rica, pode ser o regresso à opulência perdida e talvez à pátria reconquistada.

Põe nela olhos tímidos de pretendente — o que longe de a sensibilisar, lhe causa e excita náuseas. Só depois de sagrado rei em Edimbourg, rei *in partibus*, visto não ter reinado, Carlos II ganha ânimo para lhe falar na sonhada ligação. A Grande Mademoiselle exulta de contentamento. Decide casar, pronta a consumir toda a sua energia máscula, a empregar muitos dos seus imensos haveres na cruzada da reconquista do renio perdido. De súbito, chega-lhe ao ouvido escandalizado a noticia de que na corte é voz geral que ela casa por amor, apaixonadamente. E desliga-se dos compromissos tomados, rompendo com o apetecido noivo — embora historiadores abelhudas insinuem que o rompimento estalou... ao constar-lhe que *mylord* Germain, secretário do rei, aconselhára Carlos II a vender as terras da princesa e a moderar-lhe os gastos excessivos, logo que os esposais se efectivassem.

Esta quarta desilusão matrimonial proporciona-lhe, entretanto, ensejo para uma attitude singularmente bela. Carlos II, dez anos mais tarde, então de facto e de direito rei da Inglaterra, sabendo-a ainda solteira, manda-lhe emissário a oferecer a partilha comum do trono.

— Não é possível — responde a Grande Mademoiselle, com lógica e nobreza: — Não quero que me supponham a aceitar na fortuna o que rejeitei na adversidade.

Por esta altura prepara ela própria a sua quinta desilusão — no projecto de casamento com Fernando III da Alemanha, que em vez dela desposa uma outra mulher.

E então, ainda e sempre sentida com Ana de Austria, por lhe negar o que lhe tinha prometido — o casamento com Luís XIV — que Mademoiselle aproveita a agitação política da Fronde para se pronunciar contra a corte e contra Mazarin, o ministro que substituiu no sôlo o grande Richelieu. Ao lado de seu pai, do partido frondista, e do príncipe de Condé, o intrépido cabo de guerra de mais tarde, torna-se a alma da revolução — comandando o fogo da Bastilha nas horas arduas de luta, indo tomar a praça de Orleans, a cavallo, entre as suas marchas de campo, a condessa de Fiesque e a condessa de Frontenac.

Mas nem os ardores das acções sangrentas lhe perturbam a calma taboada para os cálculos aritméticos do casamento.

A mulher do príncipe de Condé está gravemente enferma — se ela morrer, casará com o viúvo heróico, seu companheiro de armas. Se não morrer, vitoriosa a causa da Fronde, a paz será ditada à corte impondo-se a sua união conjugal com Luís XIV.

Contra as suas esperanças políticas e matrimoniais a Fronde cai, trágicamente, no lago de sangue e de destroços da noite memorável de 4 de Julho de 1652. Condé foge e vai oferecer o braço, a espada e a valentia à inimiga Espanha. Gastão de Orleans esconde-se a tremer as sezões do medo, negando asilo à filha, que se atrevera a disparar na revolta os canhões da Bastilha.

Vencida, abandonada pelos amigos, o que está na história de todos os vencidos, em todos os tempos e em todas as latitudes, refugiou-se no seu castelo de Saint-Fargeau, o castelo da miséria onde escreve as suas *Memoírias* e alguns mais romances, comenta Mr. Henri Robert.

Das incontáveis amizades palacianas ficam-

—lhe fiéis Madame de Sully e a eminente Sévigné — o que lhe não dá direito a apelar-se de infeliz, pois que uma só amizade, no infortúnio, já é muito. Duas, é tanto, demais a mais daquela qualidade, que não têm conta.

Abdica, pela força das armas, dos rancores e preferências políticos. Não abdica, nem sob a ameaça da morte, dos projectos de matrimónio, que continua a exigir digno do nascimento e fortuna duma princesa da Casa de França — pondo tão alto a sua mão de noiva que a nega primeiro ao duque de Nuremberg,



O Duque de Lauzun

que a recusa em seguida ao rei de Portugal: — o rei Afonso VI, o *Vitorioso*, desgraçadamente casado depois com a princesa de Saboia, que o reduziu à mais servil e miserável situação de vencido.

Cinco anos rolados no exílio, Mademoiselle requer o perdão de Luís XIV — que, já senhor efectivo do trono, perdôa e esquece.

É nesta conjuntura, novamente instalada nos esplendores da corte, agora mais estonteantes do que nunca, sob os áureos raios apolíneos do rei Sol, que o deus Cúpido, largos tempos escarneado na sua soberania e humilhado na sua dignidade, se desafronta e se vinga da altiva princesa.

Ela está nos quarenta e três anos — à beira da rocha Tarpeia das mulheres solteiras, princesas ou camponesas. Os espelhos de Venézia e os lumes indiscretos de alcôvas e salões começam a segredar-lhe a próxima hora crepuscular das graças da juventude. Por sua vez, os ferros que mantiveram presos e amordaçados os impulsos humanos da natureza, entram a enfraquecer e a desgastar-se.

Nisto, num baile de máscaras, numa noite de 1659, ela vestida de lavadeira de Bresse, é no *travesti* de pastor serrano, Cúpido põe-lhe diante dos olhos o homem que há de obrigá-la a revogar e a contraditar todas as suas sentenças desfavoráveis ao amor. E não lho aparta entre os ministros de estado da sua idade e condição, nem entre os príncipes heróicos da Flandres ou da Prússia: — escolhe-o, pelo contrário, num sarcasmo feroz, de entre os fidalgoes de reputação e costumes duvidosos, o mais audacioso, o mais frascário, o mais brutal: — o cadete da Gasco-

nia, aventureiro emérito e zombador imperitine, António Caumont, moço marquês de Puységur, anos volvidos duque de Lauzun.

Caumont, experimentado caçador de alcôva, percebe de relance a acção fulminante do seu olhar sobre a presa ferida — vê que fundira de repente a formidável geleira que isolava o coração de Mademoiselle contra as correntes do amor. E caçador sagaz, surpreendido dos acasos da fortuna que lhe outorgavam a glória de vencer a inacessível e cubçada herdeira da Casa de França, longe de avançar e persistir, entra a esquivar-se e a retrair-se. Ela, ora o procura, apaixonada, o jura furtar-se ao seu domínio. Quanto mais intenta desprender-se, mais se prende, porém, que é essa a regra certa nos peitos de coração. Até que, excitada ao rubro pelos calculados retratamentos estratégicos do fleugmático xadresista, ela lhe confessa o seu amor, obtendo do rei consentimento para desposar o cadete.

Mas estava escrito que a duquesa de Montpensier, neta de Henrique IV, prima de Luís XIV, havia de ficar ligada à história pelo cognome celibatário de Grande Mademoiselle.

Ao saber-se da paixão de Mademoiselle, do casamento da princesa com o rude gascão, o espanto e o escândalo sacodem a corte. Madame de Sévigné classifica o facto de «o mais assombroso de todos os séculos». A rufala opõe o seu veto ao conjugio esponsalício. Condé ameaça a integridade física do atrevido aventureiro. Madame de Montespan, a data a favorita do rei, insurge-se contra um enlace que furta ao seu filho parte dos innumeráveis domínios da noiva. E o monarca, em frente do vendaval insofrido, embora *palavra de rei não torne atrás*, como se usa nos contos infantis, nega por fim o que antes tinha consentido.

Mademoiselle nunca chorará a perda de príncipes e reis escolhidos por conveniência. Chora, arrepe-la-se, veste-se de luto, cai de doença, intimada a opposição de Luís XIV ao casamento com o fidalgo eleito por amor. E reage contra a vontade de parentes e amigos. E assina tais concessões ao audacioso seductor, que por força delas elle é preso e aferrolhado num presidio.

Humilhando-se, dissipando orgulhos e dinheiros, ela consegue restitui-lo à liberdade. Passam a viver as horas sófregas das ligações por necessidade clandestinas.

Lauzun, sempre brutal, sempre grosseiro, em vez de corresponder ao amor com amor, pelo menos com fidalguia, corresponde-lhe com perfídias ostensivas e plebeias insolências. Uma noite, no regresso da caça, os pés enlameados, senta-se e ordena: — Neta de Henrique IV: descalça-me as botas!

Separam-se. E a Grande Mademoiselle, a que desdenhava o amor a ponto de se negar ao casamento por paixão, morre aos pontos, lentamente, chorando, rezando — e mesmo ao morrer ainda pede que lhe contem histórias amorosas.

Por isso eu digo, todos os dias: — raparigas e rapazes, amai no cédo, na idade juvenil, que o amor serdão é câncer no matar e gangrena no corromper.

Lisboa.

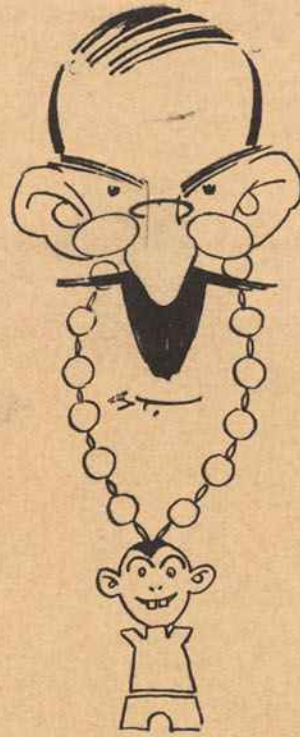
FIGURAS DA NOSSA

O FUNDADOR DO MENINÔ

Sentimo-nos hesitantes. Não sabemos se devemos ou não revelar o seu verdadeiro nome que os leitores conhecem talvez melhor do que nós, o nome ilustre, glorioso, que anda ligado a tantas iniciativas patrióticas, a tantas descobertas científicas, a tantas idéas originais e profundas. Franca-mente, hesitamos.

Sentimos uma grande vontade de ser indiscretos. A nossa admiração por êsse homem famoso, que as revistas científicas nacionais e estrangeiras — as estrangeiras, principalmente — escrevem sempre em caracteres bem negros e bem fortes, impele-nos a cometer uma fração, revelando-lhe o nome, êsse nome que só se deveria gravar a letras de ouro na História da Cultura Portuguesa.

Tomemos coragem. Sim, é êsse mesmo leitor, êsse que estás murmurando baixinho ao seguirens ansiosamente a prosa paupérrima do articulista. É o sr. António... Não, não revelamos o seu apelido. O ilustre incógnito nunca no-lo perdoaria. A sua modéstia é enorme, tão grande como o seu prestígio — e o seu prestígio é universal. Basta dizer-se que êle pertence à Academia de Ciências de Andorra! Sabeis leitor o que é a Academia de Ciências de Andorra? Nós também não o sabemos. Mas êle não o ignora, porque António... (chamemos-lhe assim para



lhe chamarmos alguma coisa) sabe tudo, conhece tudo, compreende tudo.

Ainda não há muito tempo a imprensa portuguesa noticiou, plena de desvanecimento e júbilo, que o dr. António fóra feito doutor *honoris causa* da Universidade de Strasburgo.

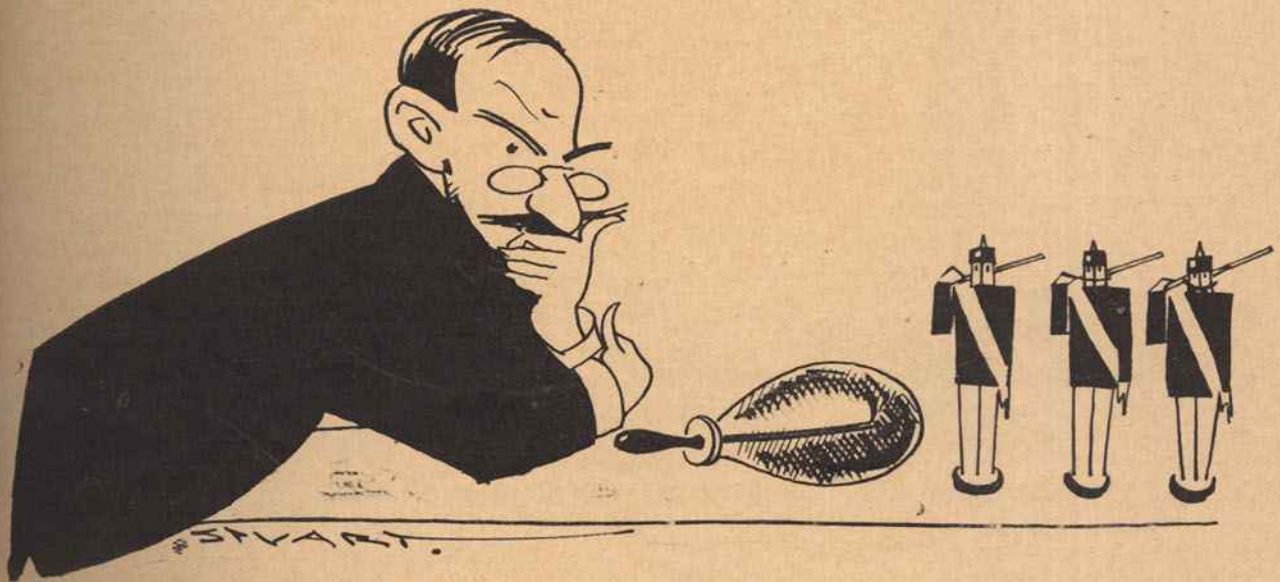
Êle próprio enviara para os jornais a notícia do extraordinário acontecimento. Êle próprio redigira pelo seu punho a elogiosa local. E não sentiu por isso apoucada a sua modéstia. António raciocinou — e muito bem — que não pode haver modéstia quando ela

EXCENTRICAS TERRA DA ORDEM DO CASTELO

vai contra os interesses da nacionalidade. A Pátria reclamava a vaidade de António — e António foi vaidoso; e António afirmou que era um homem ilustre; e António demonstrou, com aquela clareza e proficiência que lhe são peculiares, que é necessário possuir-se uma mentalidade estupenda, uma inteligência admirável e uma cultura colossal para se receber da Universidade aludida tão honorífica mercê.

Há muitas pessoas que duvidam do génio de António. Que importa? Sim, que importa, se êle, António ilustre, tem a certeza de que é um génio? A primeira condição para um homem ser grande é estar convencido da sua grandeza. E o ilustre doutor *honoris causa* da Universidade de Strasburgo não alimenta a seu respeito uma só dúvida. Êle bem sabe que é um homem extraordinário, invulgar, raro, um homem grande.

Para a resolução dos mais importantes problemas que interessam à humanidade, António tem carregado formidáveis subsídios. A carreira científica de António é simplesmente assombrosa. Matemático distinto, filósofo profundo, geógrafo admirável, historiador inteligentíssimo, a sua mentalidade oferece facetas sempre brilhantes e os seus estudos valem pelo trabalho aturado, fátigante, de gerações inteiras.



Há anos deu-se ao labor de resolver certo árduo problema de matemática para o qual os maiores sábios do mundo ainda não haviam encontrado solução cabal. António, com duas penadas, achou a incógnita desejada. E como encontrasse inegalável valor no seu achado, communicou-o à Academia de Ciências de Bucarest, da qual é — nem podia deixar de ser — sócio correspondente. Feito isto pôs-se à espera de... correspondência da Romênia. E não esperou em vão, porque, algum tempo decorrido, recebeu um jornal romeno onde o seu nome português, bem português — António — surgia várias vezes no decurso de um longo artigo.

Ora, o grande pensador nunca pensou em aprender romeno e, embora aquella língua latina apresente muitas semelhanças com a nossa, não conseguia entretanto apreender o sentido do que tinha ante os seus olhos. Mas se não era poliglota e desconhecia, portanto, aquele idioma europeu, era matemático e sabia fazer cálculos. Calculou, pois, que o artigo devia ser, como de costume, um elogio rasgado à sua mentalidade, ao seu saber inextinguível. E o seu cálculo agradava-lhe sobremaneira. Mas a curiosidade, que não é apenas um defeito feminino, mordida perfidamente o nosso matemático. Sentia um grande desejo de ver confirmados os seus cálculos e para isso, para obter a almejada confirmação, António meteu o jornal no bolso e foi, por uma bela manhã, procurar um antigo condiscípulo, que sabia romeno, a fim de lhe traduzir o mencionado artigo.

O outro leu atentamente, em silêncio, enquanto António procurava adivinhar na expressão do seu rosto a confirmação dos seus desejos.

— Queres ouvir a tradução? — inquiriu o amigo.

— Quero.

Fêz-lhe a vontade. Mas por alturas do segundo período, António interrompeu-o dizendo-lhe:

— Não leias mais... Não tem importância; julguei que se tratava de outro assunto...

O artigo principiava assim:

«O sr. António que, pela forma como se exprime deve ser um ignorante e um vaidoso, comunica-nos ter descoberto uma coisa que já lida a gente sabia há mais de duzentos anos. Ora, o sr. António...»

Foi nesta altura que o ilustre acadêmico mandou interromper...

Este desaire nada prova contra a competência de um homem que só absolutamente só, fundou em Portugal uma Academia de Ciências, a Ordem do Menino do Castelo, de que é grão-mestre, e resolveu entre outros problemas considerados insolúveis, a quadratura do círculo — a célebre quadratura do círculo que tem arremessado para os manicó-



mios algumas centenas de pessoas — e está agora a contas com outra incógnita terrível: o moto-contínuo.

Não é um simples artigo publicado em Bucarest que consegue empanar o brilho fulgurante de um nome universalmente conhecido, um nome que, da Califórnia a Bombaim, de Londres a Tóquio, de Madrid à travessa dos Fieis de Deus, é pronunciado com entusiasmo, com respeito, com união.

Há tempos António propoçcionou-nos um espectáculo tocante pelo que de gracioso, terno, d'ele emanava: a sua exposição bio-bibliográfica. Foi qualquer coisa de tocante.

Nessa exposição apresentaram-se, entre muitos outros objectos curiosíssimos, os soldados de chumbo com que o grande homem brincou (quando era bebé, bem entendido); retratos do menino António Carreira, nu e gordo; as primeiras calcinhas que ele vestiu quando começou a fazer tens-tens; a corneta em que soprava demonstrando precoces tentências para compreensão da música clássica; o livro por onde aprendeu a soletrar o abecedário; a chucha que lhe metiam na

boca quando éle, exigente e guloso, chorava por mais leite; as fraldinhas onde fêz as manueações desculpáveis naquela tenra idade em que ainda não se conhecem as regras do bom viver. Tudo o famoso homem de ciência expôs ante o olhar enternecido dos seus admiradores.

E os admiradores (velhotes de luneta encavalitada no nariz, quarentonas gordas e estorpeis que se babavam de ternura ante os «pagãos» da criança célebre, sujeitos scismáticos que tiravam grandes lenços coloridos de sob as asas do fraque) tudo examinaram, tudo palpavam, tudo apreciaram com grandes *ohs! ohs!* de assebro.

Por essa ocasião houve também uma sessão solene de homenagem a António. Falaram vários oradores que souberam, com fulgurante eloquência, pôr em destaque os méritos do académico, do cientista e do literato.

António a todos agradeceu comovidíssimo e o caso não era para menos. Mas a quem éle dirigiu com mais insistência os testemunhos da sua gratidão foi a um rapaz novo — o único jôvem que ali se encontrava — porque era de tôlas as pessoas presentes a que não recebera convite para comparecer.

Fôra a fama do seu nome, confessava o illustre sócio correspondente da Academia de Ciências de Bucarest, que o atraíra como chama atrai a borboleta.

Ora, o articulista, se se demorou tanto em descrever os méritos desta glória da ciência nacional, lá tinha as suas intenções — boas intenções, como adiante se verá.

É que António, incompreendido por muitos, maisinado por alguns, deixou-se vencer por um imperdoável desânimo. Arometensuma inesperada fúria de destruição. E agora como um arquiteto insaciavel de beleza que desmontasse pedra por pedra um belo edificio que houvesse construído, começou a demolir a sua obra. A Academia de Insciência (a Academia do António, como vulgarmente a conheciam) já encerrou as suas portas. Acabou a Academia do António! Vejam bem os leitores o que este facto contém de grave para os meios intellectuais portugueses.

Amanhã António negará a solução que encontrou para a quadratura do círculo, de pois demitir-se há de sócio de milhares de academias estrangeiras a que pertence. E de pois? Que acontecerá depois? Que restará do glorioso pensador? As primeiras calcinhas que vestiu, a corneta por onde soprou, a chucha de bebé, os soldados de chumbo — e nada mais.

É muito pouco para um homem tão grande. Urge, pois, evitar uma catástrofe. Chamemos António à razão. Perca-se tudo, excepto António, fundador da Ordem do Menino do Castelo!

MÁRIO DOMINGUES.

OS DENTES DE OIRO DE OSCAR WILDE

Há tempos li, por acaso, num jornal de Lisboa, uma dessas histórias que se inventam com um intuito de especulação qualquer, e que vivem da credulidade dos que se não interessam pela vida espiritual.

Segundo essa história, Oscar Wilde passando, a pé, por uma aldeia dos países balcânicos, pediu alojamento e comida numa taberna e, como não tivesse dinheiro, propuzera ao taberneiro que lhe tirasse cuidadosamente um dos seus dentes de ouro, para com ele o indemnizar das despesas que viesse a fazer. E como a sua proposta lósse aceite escreveu qualquer coisa parecida com o seguinte:

— «Se conservares este dente muito tempo, ele virá a ter, talvez, mais valor do que te custou. Posso até afirmar-te que não lhe será dado valor mercantil, porque não há outro exemplar no mundo. OSCAR WILDE.»

Como o relato do episódio e a tradução do autógráfo não elucidam o leitor acerca da



Um retrato proverbial de Oscar Wilde

natureza do dente: se se trata dum queixal ou dum incisivo, tem de accitar-se a afirmação como referindo-se ao único dente de ouro que teve Oscar Wilde, o que, segundo a historietta, não está de acôrdo com os termos da proposta que o autor do «De Profundis» fêz ao taberneiro.

Lembra o jornal em questão, como pormenor curioso, «que ao morrer num hotel de Paris (1), se notou em Oscar Wilde a falta dum dente de ouro». Ora o motivo não foi este, e vem a propósito recordar a passagem dos interessantes «Souvenirs inédits» de Gustave Le Rouge, que se refere ao assunto:

«Bruscamente, a 30 de Setembro de 1900 (2), nós, das Belas Artes, persuadimo-nos todos que, completamente arminado e sobretudo

desanimado, desgostoso, Wilde recorrera ao suicídio. A verdade é bem mais trágica na sua atroz simplicidade. Esgotado pelo trabalho, pelos prazeres e sobretudo pelos sofrimentos duma existência excessiva, Oscar Wilde morreu de morte natural (3), gasto até à medula. Expirou no seu pequeno quarto da *rue des Beaux Arts*, num desenlace de que a custo se fará uma ideia.

Duma alma demasiado corajosa e demasiado orgulhosa para não desprezar o dinheiro, mostrou-se generoso até ao último sou e cheio de alegria até ao último dia, mas as circunstâncias de que foi rodeada a sua agonia oferecem um aspecto horroroso, verdadeiramente shakespeariano. Enquanto elle se debatia no pavor da morte, os doutores Tucker e Kleiss e o hoteleiro — primeiro em voz baixa, depois suficientemente alto para que

(1) A causa immediata foi uma meningite que sobrevio a um ataque de sífilis terciária, diz Arthur Ransome.



Wilde em 1878



Wilde em 1891

(2) Hôtel d'Alsace, rue des Beaux-Arts, 13.
(3) Segundo Robert Ross, que assistiu no desenlace, Oscar Wilde expirou às duas horas menos dez minutos do dia 30 de Novembro de 1900.



Um retrato célebre de Wilde

o moribundo não perdesse uma palavra da conversa — discutiam a questão do dinheiro, interrogavam-se ansiosamente sobre a maneira como seriam pagos.

Num esforço supremo, o poeta, já na agonia, ergueu-se com um sorriso espectral para dizer ao seu amigo Robert Ross esta frase terrível que J. J. Renard reproduziu na eloquente página de que a extraímos :

— Vêjo que

morro para além dos meus recursos!... Expirou pouco depois. Então o hoteleiro, ajudado pela mulher e munido de tenazes, apressou-se — antes que sobreviesse a rigidez cadavérica — a arrancar das gengivas do defunto os seus dentes de ouro. Não se pode deixar de pensar, num estremecimento de terror e de nojo, nas feiticizas arrancando os dentes dum enforcado, o famoso quadro de Goya. Assim morreu aquele a que chamaram o senhor do verbo.

Pobre Oscar Wilde! Sobre o seu cadáver ainda morno fincaram-se as tuhas sórdidas dos interesses mesquinhos!

Já num fantástico conto de Poe, o alucinado amante de Berenice lhe arranca violentamente os dentes do corpo morto. Mas êste gesto de loucura é ditado por um intenso e perturbador estado mental e afectivo. Estas palavras o justificam. «Of Berenice I more

E naturalmente comparei-o com o seu «Happy Prince» que não soubera o que fossem lágrimas porque vivera no «Palace of Sans-Souci», onde não era permitida a entrada da Tristeza e onde fôra certamente feliz, se prazer é felicidade.

Quando o Príncipe morreu colocaram-no sobre uma columna tão alto, que êle podia ver tôdas as fealdades e tôdas as misérias da cidade, e a-pesar do seu coração ser feito de chumbo, não podia deixar de chorar.

E sentindo a dôr dos outros, pedira à Andorinha que levasse ao pequenito doente o rubi do punho da sua espada. E desfizera-se das raras safiras da India de que eram feitos os seus olhos, e ficara cego.

Por fim, ouvindo da Andorinha

Dear Robert
 Your letters are charming, they are redolent, and every thing you see or hear seems to become touched with colour, and tinged with joy. I think of you often, wandering in violet valleys with your honey-coloured hair, and meditating on the influence of paradoxes on the pastoral mind but you should be here, one can only write in cities, the country hanging on one's walls in the grey mists of Carot or the opal

Uma carta de Oscar Wilde

seriously believed que tontes ses dents étaient des idées. Des idées! — ah here was the idiotic thought that destroyed me! Des idées! — ah there fore it was that I coveted them so madly! I felt that their possession could alone ever restore me to peace, in giving me back to reason.»

No caso de Wilde, o repugnante atentado foi movido exclusivamente por intuítos miseráveis. Quando li a descrição de Gustave Le Rouge, logo me recordei da grande conversão que se operou no poeta durante a sua estada na «Reading Gaol»; das afirmações que depois deu dum carácter generoso.

— que não partira com as companheiras para o Egito para ficar ao pé d'êle — histórias do que vira antes em países estranhos, e ainda há pouco naquela cidade, o Príncipe disse :

« There is no Mystery so great as Misery.

— I am covered with fine gold, you must take it off leaf by leaf, and give it to my poor; the living always think that gold can make them happy.»

Maio de 1929.

LUÍS REIS SANTOS

RAYEN MAWIDA

FLOR DA MONTANHA

VICTOR DOMINGO SILVA

ILUSTRAÇÕES DE ILBERINO DOS SANTOS



Mais uma figura em destaque nas letras castelhanas inicia hoje a sua colaboração nas páginas desta revista. Trata-se do ilustre escritor chileno Vitor Domingo Silva, descendente de portugueses, como o seu apelido afirma, poeta, dramaturgo e romancista, que é, pelo conjunto da sua obra, uma das primeiras personalidades entre a família intelectual do grande país hispano-americano. O formoso conto que hoje oferecemos aos nossos leitores, todo ele repassado de lírica ternura e de profunda emoção, é um magnífico aspecto da alma araucana, dessa alma supersticiosa e desconcertante que Rayen Mawida, a flor da montanha, encarna deliciosamente.

...Sim, um conto de Arauco, um conto da Fronteira, triste como o rumor dum salto de água que os ecos da montanha repetem, mas fresco como um molho de capihues (1) húmidos do rócio matinal.

Filha de um dos últimos caciques — dum desses que se entregou para não perder a vida e a fazenda — levaram-na, de pequenina, para a cidade. Deixaram-na — era costume tradicional — à guarda duma respeitável família, para que adquirisse os hábitos da vida civilizada e aprendesse espathol. Rayen Mawida era o seu nome, que quer dizer Flor da Mon-

tanha, e realmente nenhum outro lhe assentaria melhor. Porque era o tipo perfeito da beleza mapuche (2) e a sua linda figurinha de dez anos irradiava todo o encanto e frescura da selva virgem. Além de sorrir, nada sabia, mas sorria com tal doçura, mostrando uma fila de dentes tão brancos e tão iguais sob os lábios encarnados e viçosos que a gente sentia desejos de a ver sempre sorrir. Deixou sem pena os atavios indígenas, e, embora andar de pé calçado lhe custasse muito sacrifício, era de tão bondosa índole que a tudo se submetia com igual resignação.

(1) Capihue — Araucana.



Rayen Mawida era um encanto. Viu-se convertida, a sorrir, numa chilena e sorrindo dispôs-se a esquecer o seu próprio idioma e a aprender a ler... Ao princípio, escondia-se para verter a sua lágrima, recordando a choça e a família, mas os mimo e os regalos da nova vida foram desvanecendo nela a pouco e pouco a sensação de nostalgia, apagando-lhe as visões da primeira infância, e um belo dia deixou de chorar e até lhe parecia estranho que os de sua casa a viessem ver, pois já não lhe era fácil fazer-se entender em mapuche.

O amo e tutor de Rayen Mawida era um antigo magistrado da Fronteira. Não tratou aquela flor da montanha como uma pobre guachita (3), nem sequer como uma servente. Nunca se esqueceu que era filha de umen (4), de sangue de nobres entre os da sua raça; e guardou-lhe, e exigiu que lhe guardassem, as maiores considerações. Chegou a reprecender e a despedir alguns dos seus criados por se terem atrevido a contrariar a Rayen Mawida. De resto, o gênio suave e a condição amável da mapuchita, franqueavam-lhe todas as simpatias, e não havia na cidade quem a não estimasse. O magistrado, conversando com a esposa, refere-se ao dia triste e fatal em que lhe venham buscar a Rayen Mawida para restitu-la aos seus. A senhora, que não se resigna a perdê-la, pergunta ao marido se ele não poderia, sem grave perigo, êle, que é juiz de Letras, torcer a vontade da lei e reter em casa a gentil pequenita. O cavalleiro move a cabeça negativamente.

— E se ela se negar a ir?

— Embora é menor de idade. Tem que obedecer a seus pais.

(2) Mapuche — Orfbosinha.
(3) Guachita — Orfbosinha.
(4) Umen — Chefe de tribo.

(1) Capihue — Flor vermelha, que se considera a flor nacional chilena.



A senhora, que não se dá por vencida, consulta o caso com seu filho Antônio, que é, para Rayen-Mawida, como um irmão mais velho. Ele ensinou-a a soletrar e defendeu-a algumas vezes, a sócio livre, das insolências de alguns rapazes que faziam alusões grosseiras à sua condição de índia. Antônio, que frequentava então o primeiro ano de medicina e que se sentia bastante filósofo, encolheu os ombros.

— Creio que o papá tem razão — disse — ; que podemos fazer nós ?

A notícia de que a vinham buscar foi como uma sentença de morte para Rayen-Mawida. Abraçou-se nos seus protectores, chorando, com imensa dor, e não havia quem a separasse d'elles. A scena passava-se no amplo corredor da casa do magistrado, uma casa de arquitectura quasi rural, tão grande como a hospitalidade dos seus donos. Ali estava em pessoa o velho e rude cacique com dois dos seus filhos, mocetões de boa presença, sem pêlo de barba no rosto varonil e gelha dura no sobrolho. Há quinze dias que o pai tinha escrito manifestando a sua vontade de que Rayen-Mawida fosse restituida ao lar paterno e agora ali estavam os três com o cavallo preparado. Efectivamente via-se no pátio um zaino submisso e cabisbaixo como todos os cavalos da Fronteira.

Rayen-Mawida não tirava os olhos do juiz e da esposa, como se esperasse d'elles a palavra salvadora. Bastava um pequeno gesto de qualquer dos dois para que ella se negasse a partir. Antônio, seu antigo companheiro de brinquedos, seu mestre de abecedário, seu irmãozinho Antônio, também estava ali. E não dizia nada? Não a queriam acaso? Nunca a teriam querido? Como podiam consentir que ella fosse, que se perdesse, que não a voltassem a ver?... Sacudida por profundos soluços, a *mapuchila* arrastou-se aos pés do magistrado, implorando por Deus e pela Virgem que não a entregassem, declarando que morreria se a deixassem partir.

— Que me diz a isto, meu amigo? — disse o cavalheiro ao cacique, enquanto a senhora se voltava para occultar as lágrimas e Antônio batia com a chibata nas botas de montar.

— Que lhe havemos de fazer, patrão? — respondeu o índio entre dentes. — O remédio é levá-la...

Palou aos seus filhos em *mapuche*, e os mocetões, sem dizerem uma palavra, lançaram-se immediatamente sobre a irmã, pegaram nela como se fosse uma pequena rês e puseram-na a cavallo. Minutos depois, perdia-se de vista e deixava-se de ouvir o ruído dos cascos pelo caminho da montanha. De Rayen-Mawida só restava uma saudade.

Amanhece. Sob o céu puríssimo, começa a verdejar a mancha escura da montanha araucana. Irrompe a orquestra dos pássaros em plena selva virgem. De longe, chegam mugidos profundos. Ouvem-se rumores de água corrente. Mas, entre tudo isto, há um ruído que não pertence à natureza: o som do *kutrán*, ou tamboril *mapuche*, que alguém tange monotonamente ao pé dum canêlo sagrado. Celebra-se um *machitan* (*). Há gente docente, talvez alguma pessoa de qualidade e a *machi* da tribo, oficialmente consultada, exigiu que se realizasse a cerimonia com todo



o ritual que a tradição ordena. Arde uma fogueira, e a *machi*, uma velha com tôdas as aparências da bruxa clássica, pronuncia sobre ella palavras cabalísticas e desfaz-se em contorções epileptiformes. Homens e mulheres — todos indígenas — observam, ao lado, com profunda seriedade, um grupo, onde se destaca um velho de alta estatura e guedelha encanecida dos anos, que rodêa o corpo duma mulher estendida sobre um leito de ramos. Rayen-Mawida, atacada do misterioso mal que só as *machis* podem curar! Rayen-Mawida, pálida, exaucte, com o glorioso sorriso da infância ausente dos lábios! Rayen-Mawida moribunda...

A *machi* ordena que lhe dêem a beber, dum sôrvo, o sangue dum cordeirinho novo. Mas Rayen-Mawida recusa a beberagem, porque está cansada de viver e só quer dormir, descansar, desaparecer do mundo. Aquella estranha poção, preparada com o sumo de iníme-

(*) *Machitan* — Festas de *machis*: médicos e bruxos.

ras ervas aromáticas, repugna-lhe como um tóxico. E chora, recusando, chora interminavelmente.

Ressoa na clareira da selva o ruído de cascos duma cavalgadura que se sente passar a distância... A cerimonia não se interrompe por isso, mas alguns olhos curiosos voltam-se para o lado do tortuoso caminho. O ruído distingue-se cada vez mais. O civildo avezado dos indígenas adivinha o número de cavalgaduras. Súbito, um ginecê, elegante nos seus arreios de campo, aparece à entrada do bosque, seguido de dois mais. Amo e criados detêm-se. Aquelle avança e contempla o espectáculo com um gesto de interesse e estranheza. E jôvem. Sob as alas do grande chapéu brilham uns olhos cheios de bondade e um doce sorriso desponha através do negro buço que lhe contorna o lábio. Do braço esquerdo cai-lhe uma braçala de rubros *copihues*...

— *Antón! Antón!*... geme, dilacerante, uma voz feminina. A moribunda senta-se no seu rústico leito e estende-lhe, de longe, os braços esqueléticos.

Antônio reconhece também a doce companhia de infância, e, saltando bruscamente a terra, corre para a infeliz, estremeccido no mais fundo da sua alma :

— Rayen-Mawida! Minha pobre Rayen-Mawida!...

No tronco do canêlo sagrado retorve-se a *machi* como uma possuida; os *mapuches*, perplexos ante a imprevista scena, inclinam a cabeça onde o *trarlouco* (*) põe a magestade duma corôa; e Antônio, curvado sobre o corpo exânime de Rayen-Mawida, beija-lhe a fronte ainda quente e protesta com todo o coração da inefficácia da sua sciência. A pobre *mapuchita* morreu de amor, de pena, de nostalgia. Um soluço imenso fala pela sua dor, perdido na desolação da selva onde retumba, com agoirento acento, o som confrangedor, o som monótono do *kutrán*, que chora, em Rayen-Mawida, a morte da raça.

FIM

— Exclusivo de *Illustrações*.

(*) *Trarlouco* — cinta de moedas que se cinge à cabeça.

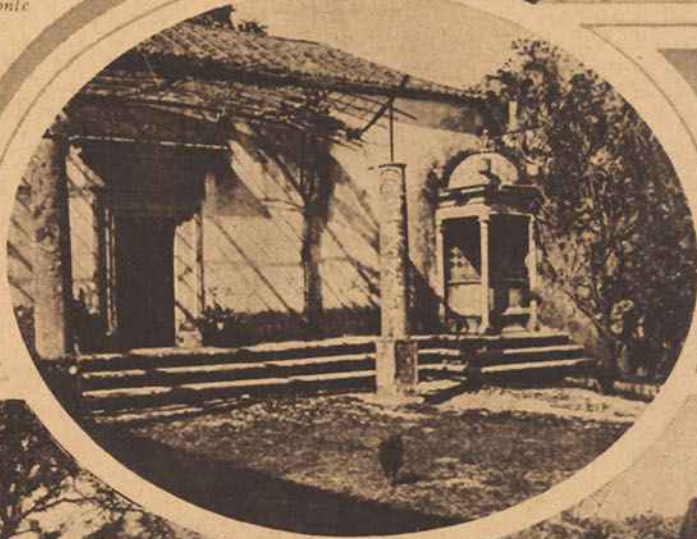


A CASA PORTUGUESA

SOLAR DE RIBAFRIA SINTRA

Construção do segundo terço do século XVI, infelizmente restaurada no século passado, mas que conserva ainda interessantes trechos daquela época. Assim o braço da torre, uma série de janelas geminadas e o grande lanque em que se reflectem as ameias do muro e a pequena fonte de cobertura manuelina. De igual sabor é o portão simples da quinta; mas onde floresce láda a graça do Renascimento joanino é no pórtico de entrada, com sua elegante edícula que abriga uma fonte guarnecida de azulejo e sua latada que en-sombra a porta principal, mas de cujos estalós já furlaram os capitéis delicadamente lavrados.

Tendo sido fundada por Gaspar Gonçalves, 1.^o senhor da Ribafria, permaneceu esta propriedade na posse dos seus descendentes, ligados depois aos Penamacores e aos Castros, até que



há cerca de meio século passou para mãos estranhas. Hoje pertence aos srs. Condes do Carlaxo.

(Clichés obtidos com «Kodak» autográfica)



CINEMA...

ACTUALIDADES CINEMATOGRÁFICAS

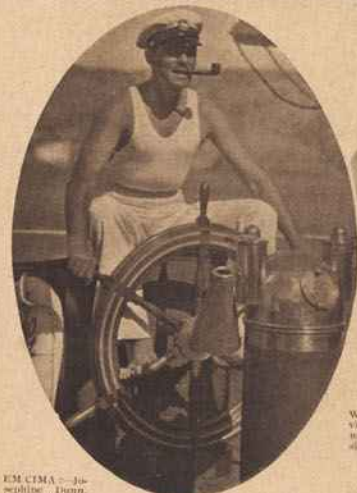
AS CELEBRIDADES DO CINEMA



fillos que, julgam, Cecil poderá colocar no cinema; por sua vez, vários raparigos apparecem pelo caminho em que o director deve passar, na esperança de serem notados por ele.

John Gilbert é dono de uma elegante casa em Beverly Hills, cuja frente dá para uma linda estrada, em Ladeira. Gilbert foi forçado a estragar

muito raramente. Passeia por meio do público na rua e no hotel, muito descommodadamente. A razão deste fenómeno é ella parecer uma pessoa completamente diferente do que quando apparece nos filmes. É raramente reconhecida, excepto por aqueles que a conhecem intimamente. Os criminosos também tiram vantagens das celebridades.



EM CINEMA — Josephine Dunn, Júlia Faye e Joel M. Crea. Crea jogam um jogo de cartas que tem seu interesse.

NO OVAL — Nils Asther, o realista sueco, que está em voga em Hollywood, quando o seu diabo a ML Adams, vencedor de várias ex-gatas na costa da California.

Nenhum artista solteiro, ou produtor famoso pode ir a qualquer lugar ou deixar a sua casa sem ser interrompido milhares de vezes, a menos que tome cuidadosas precauções. Não há muito tempo, Nils Asther foi despertado do seu tranqüillo sono à 1,30 da madrugada para decifrar uma apostas áccra de si próprio num certo filme.

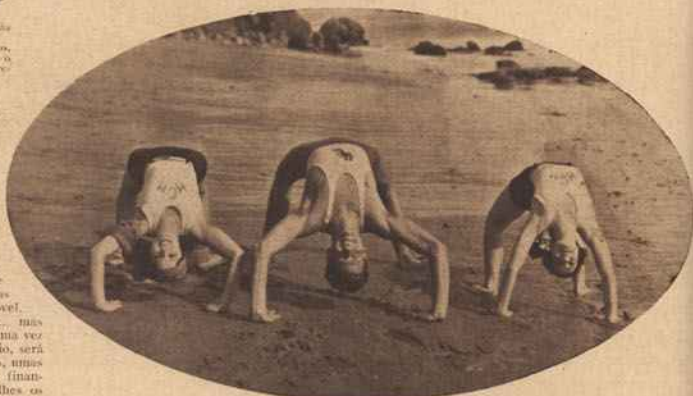
Cecil B. de Mille, o notável director de «O Rei dos Reis», tem o hábito de passar a pé duas milhas, duas ou mais, antes de tomar o seu automóvel. Tem preferência numa certa estrada... mas não pode passar por ali mais do que uma vez em cada duas semanas, ou do contrario, será cercado por uma multidão de curiosas, umas a perguntar-lhe coisas sobre viagens financeiras; outras, a quereem mostrar-lhes os



esta esplêndida vista para construir um muro bem alto, porque todos os seus estacionava uma imensa fila de automóveis ao longo da estrada, e os passageiros commentavam e esperavam que Gilbert apparecesse no jardim.

Gréta Garbo é realmente a única estrela em Hollywood, que tem sossego. Miss Garbo mora num hotel e nunca é molestada, ou quando o é, é

NO OVAL, em baixo: — Uma situação famosa de pândegos à beira-mar, pensando de facturas. Da esquerda para a direita: Raquel Torres, Joel M. Crea e Joyce Starbo.



Josephine Dunn e Joel M. Crea, dois novos favoritos, divertem-se atirando ao alvo num intervalo dos seus trabalhos do estúdio.



Gréta Garbo, a mais famosa de universal fama, a bordo do seu bote, furtivo em Los Angeles.



Raquel Torres, estrela mexicana, toma banho de sol em um óculo de colchão, e tenta a todo o custo não ser arrastada para frições.

da tela. Jeannie McPherson, o secretária de Cecil B. de Mille, fugiu de um lindo bungalow para uma grande casa por causa das constantes ameaças contra a sua vida. Ladrões de estrada, considerados aterrorizantes, consideravam-na abominação quando ella residia em certo lugar isolado — de sorte que teve de procurar as luzes resplandecentes de outros sítios, mas sempre muito occultas.

O caso de Nils Asther é extraordinário. Este artista sueco é sempre molestado por gente que tem o cuidado de dizer que elle gosta de estar sozinho, que lhe desgostou a multidão e companhias, que prefere viver como um eremito.

Muitos, sabendo que Marion Davies aprecia instantaneamente pintores jovens, ficavam estacionados nas ruas por onde Marion Davies de-veria passar. Certo morto próximo de Hollywood, foi um belíssimo retrato para o público de Los Angeles. Até Douglas e Mary compraram uma pequena casa de campo para passarem o fim da semana. Apesar de todas as investidas de soborno, foram descobertos. Num domingo, quando estavam passeando encontraram um vendedor de sandwiches fazendo bom negocio com uma multidão de curiosos.



Barcelos — Fachada da igreja de Vilar de Frades

GRADEZAS DE PORTUGAL PADRÕES NOBREZA PADRÕES TRABALHO EM REDOR E BARCELOS

OS BONS HOMENS DE VILAR

Quem largar de Barcelos pela ponte do Cávado, contornando à esquerda, entra na estrada de Braga e depara-se-lhe, passadas as últimas casas de Barcelinhos, numa larga curva, a mais surpreendente vista que a nova cidade oferece, docemente reclinada sobre o rio, que a banha numa volúpia suave em dias de calma, ou lhe alaga os campos em arremessos gigantescos, se o inverno desceadeia as suas fúrias e tormentas.

Várzeas cultivadas dum e doutro lado. Logo à direita, o imponente solar de Santo António de Vessadas, morgado dos antigos Paes de Faria, a que já nos referimos, hoje propriedade do sr. D. Lus de Noronha e Alvora, da nossa velha nobreza índia e que em Barcelos goza de muitas simpatias pelo seu trato afável, pelo seu porte correcto, pela sua inteligência cultivada.

Corre o solar uma vista mais, e a estrada vai seguindo entre pinheirais, carvalheiras, arvoredo denso, aqui e além umas alminhas em alpendre, depois mais campos, casais, aldeias alegres com as suas brancas igrejas.

Um pouco além da linha férrea do Minho, volta-se à esquerda por um largo atalho macadâmico, que entre pinheiros, avetras e favores de fruta condiz ao chamado largo do Cruzeiro,



Barcelos — Capela e jardim da Casa de Paroiz



Barcelos — Solar e lavoura de Farelhas

sentinela avançada do mosteiro próximo. Para lá chegar, dobrase à direita, ao longo duma azilunga e não tarda a aparecer, numa planície baixa, de escassos horizontes, o pátio monumental que banha a igreja e o convento.

A primeira vista, sofre-se uma impressão desoladora. É como se apertássemos a mão a um velho fidalgão arruinado e coberto de andrajos, nas fimbrias de cujas vestes ainda brilhassem uns fapos de ouro e de sêda. Parte da grandiosa moradia fradesca foi pasto das chamas. No lugar onde antigamente deviam ter sido o refeitório, a adega, as cozinhas, há agora alfaias agrícolas, detidas camadas de matos, cortes de gado. Os charizres estão secos. Sob as arcadas do claustro passeiam animais.

É a tristeza pungitiva, dilacerante, acompanhada e acentuada de intensidade através da vista. Solidões abundantes, ruínas. A igreja é uma necrópole de velhas gradezas, avolumando-se mais ainda esta sensação ao observar as lápides mortuárias que se estendem pelo pavimento.

Na sacristia, duma e doutra banda, a todo o comprimento, imensos armários de castanho, coloridos-rosas tão largas, tão compridas, que deviam ter pertencido a qualquer árvore autêntica. Nos gavetões apparecem restos de paramentos e os grandes livros do côro, com preciosas lumninas, tudo deteriorado, a desluzer-se em poeira.

A fundação do mosteiro de Vilar, que primiti-



Barcelos — A Casa da Silva



Torre românica de Abade do Neiva

regular a que o povo, por autonomasia, dava a designação de *bons homens*, cuja verdadeira ori-

gem é muito discutível, tanto, pelo menos, como a suposta bondade desses frades. Aváros, mesquinhos, interesseiros, mas seguindo a profeção da casa de Bragaça, travaram por vezes acções lutas com os arcebispos de Braga, inclusivamente com o santo e bondoso D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

Como fica dito, o mosteiro é agora uma ruína. Além de dois artísticos e grandiosos fontenários, que se admiram no largo do pátio, e em dos claustros interiores, só é verdadeiramente digna de menção a fachada da igreja, tão variada, contada, que se pode considerar uma manja de retalhos, architectonicamente falando. A torre actual foi edificada no lugar da primitiva pelos cônegos azuis, ao instalarem-se em Vilar. Guardava-se ali o cartório, não só dos antigos beneditinos como dos seus sucessores. Hize-se que um dia o padre Cipriano, já depois do estabelecimento dos cônegos, notou que os livros e documentos haviam apanhado água. Cautelosamente, estendeu os livros e pergaminhos, e para que secassem mais depressa, fez um monte de a porta e saiu. Dal a pouco, levantava-se incêndio e era tudo reduzido a cinzas.

Fazendo simetria com a torre, existe ainda parte do frontispício românico do século XIII, ou talvez mais antigo. É uma solene e augusta reliquia, por cujo belo pórtico noutro tempo se entrava para a igreja, que os cônegos derrubaram

xamento parece ter pertencido aos monges negros, renoua ao tempo da instituição de S. Bento, o patriarca dos monges, durante a vida de S. Martinho Dumense, al pelo século VI. Parece que foi restaurado seis séculos depois, segundo a tradição, por D. Godinho, ou D. Guilfo de Virgas, rico-homem que contrahiu matrimónio com uma tal D. Maria Soares, que pouco depois desappareceu, por motivos ignorados. Para vingar a dama ultrajada, D. Paio Gutierrez, padroeiro do mosteiro de Tibães, deu-lhe morte por afronta. Mas um descendente e primo da vítima, D. Trocosendo Guedes, passados anos de concentrado luto, houve as mãos D. Paio e mandou-lhe errutar os olhos sem nenhuma espécie de processo. Assim o reza a lenda.

A verdadeira história do mosteiro de Vilar começa com a instalação dos cônegos de S. João Evangelista, uma congregação portuguesa, fundada no tempo de D. João I, com o intuito de reformar o clero, pelo padre-mestre João, catodríctico de medicina na Universidade de Lisboa, por Martinho Lourenço, doutor em teologia, D. Afonso Lourenço, formado em *utroque iure* pela Universidade de Bolonha, e Lourenço Aires, prior de S. Julião. É longa, accidentada e fastidiosa a história destes cônegos. Parece que o padre-mestre João, peregrinando de terra em terra, foi parar a Reica, onde o arcebispo D. Fernando lhe concedeu a abadia de Vilar, com outras garantias, porque era pouco rendosa.

Alli se foi avolumando a comunidade dos novos



Campanário e casa antiga em Abade do Neiva



Chafariz no pátio de Vilar de Prades

no século XV, substituindo-a pela que ainda hoje existe, ao centro, e que é um produto de transição, tendo pouco de notável.

Aqueles irrequietos cônegos, que tantas preciosidades destruíram, eram bem parecidos com os demolidores e remendões do nosso tempo. Já então os troilhas e mestres de obras substituíam o seu gosto deturpado à prodigiosa fantasia dos primitivos cantheiros e alvenois.

E saí-se de Vilar com a alma em soluços, por ver tanto abandono e desleixo, nem ao menos se ouvindo arrastar os ouvidos a tonitroante e potente voz do velho Sargento-mór, que Arnaldo Gama tão belamente descreve.

A HONRA DE FARELÃES

Desanda-se do vale de Encourados para o vale de Nive, pela estrada do Pôrto, e topa-se logo adiante com a freguesia de Viãtos, a que *l'è-a-ladas*, hoje aldea modesta, embora interessante, mas que foi vila em tempos remotos, atribuindo-se-lhe a fundação a um patricio ro-

mano de nome Ilho Saia, ou Soia. Ainda hoje um monte que lhe fica a occidente conserva o nome de Saia, dizendo-se que ali houve um castelo fundado pelo tal Soia, Saia, ou Soiano, e ao qual se acolhera Décio Bruto quando os bracarenses o vieram atacar. Esta freguesia formou, com a vizinha de S. Pedro do Monte, a honra de Farelães, cujo primeiro donatário dizem haver sido D. Paio Ramires, do qual descendem os Correias.

Na opinião do falecido Visconde de Pindela, é esta a casa mais antiga da provincia do Minho, tendo sido senhor dela D. Paio Soares Correia, galhardo cavaleiro que esteve na conquista de Sevilha, e de que foi filho Pedro Pais Correia, pai, segundo diz o Conde D. Pedro, de D. Paio Correia, tronco desta familia em Portugal. Diz-se que este D. Paio Correia, Mestre da Ordem de S. Tiago em 1222, fêz parar o sol na Serra Morena, à semelhança de Josué, donde veiu chamaram-lhe o «Josué português». Foi nua-cerosa e illustre a estirpe desta casa, andando celebrada nas obras do Conde D. Pedro, Duarte Nunes de Leão e Frei António Brandão.

Nos modernos tempos, esteve ligada às casas da Torre da Marca e de S. Gil de Perre, de que era senhora a Marquesa de Monfalm e de Terena. Pertence actualmente ao sr. dr. Manuel de Figueiredo, do Pôrto.

Recorda-nos este velho solar um dos mais típicos e curiosos costumes d'outros tempos, que vamos procurar reconstituir, servindo-nos de

vam por caminhos e atalhos, trepando a encos do outeiro em que alveja a pequena igreja de S. Pedro do Monte. Algumas das mulheres traziam gigos à cabeça, cobertos de brancas toalhas de linho.

Era um dia duplamente festivo: festa de natureza e festa dos homens. Celebrava-se o acto solene e tradicional para os senhores e Honra de Farelães: a eleição do juiz e outras entidades que deviam ministrar justiça.

Terminada a missa, o povo formava grande magote e acudia em massa ao solar dos Correias. A nascente da igreja, erguiam-se duas nobres apalaçadas casas, que eram, no dizer do autor «Corografia Portuguesa», dos maiores edificios do reino.

Era então senhor da Honra de Farelães Diogo Correia, casado com D. Isabel Pinheiro, filha do alcaide-mór de Barcelos, Alvaro Pinheiro Lobo, de sua mulher D. Joana de Lacerda. Reunido o largo terreiro em frente da casa, o povo agudava sinal do mordomo para subir a escadaria de acesso a uma das grandes salas do palácio. Dado, por fim, o sinal, entra no salão, respectiva e submissamente. Sentado numa cadeira de alcaide, com sua opa de brocado, longa espaldar, pendente do talabarte prateado e gorra de veludo preto na cabeça, vê-se ao fundo Diogo Correia com sua familia, esperando os seus vassallos e a magestade dum soberano.

Feitas as vénias e contumélias, o fidalgo izma o juiz ordinário e dos orfãos, cujo cargo se dava, a que encoste à parede a vara que traz e procede à nomeação do novo juiz, um dos *homens bons* daquela Honra.

O povo acollhe o novo eleito com palmas, com tanto maior entusiasmo, quanto é certo que se não trata dum letrado pedante, mas dum homem de bom critério, sã consciência e se igual.

Feita, a seguir, a eleição dos vereadores e oficiais, o povo desce outra vez ao terreiro e



Barcelos — Armas da Casa da Silva

cicerone o intelligente nobiliarista, sr. dr. Teotónio da Fonseca.

O sol, surgindo no horizonte, espalhava um lençol alvadio, polvillado de ouro, sobre a fertil veiga de Viãtos. Ranchos numerosos de camponesas, em seus trajes domingueiros, formiga-



Chafariz no antigo claustro de Vilar de Prades



Barcelos — Solar da Repregueira (vista exterior)

saboreia apetitosamente as deliciosas *fogaças* e as mulheres havia trazido nos gigos, fartamente regadas com o vinho generoso do fidalgo.

Foi talvez essa a origem do moderno *carnes com batatas*.

Há quem faça passar esta cerimonia à somma duma alta carvalheira, e vêem-se ainda hoje essas grandes e seculares árvores junto a alguns solares antigos.

De Farelães existem agora um edificio interessante, hortas, pomares, campos cultivados mas desapareceu a grande mata de carvalhos, castanheiros, «contra magnifica», no dizer de P.º Carvalho.

OS FIDALGOS DA SILVA

É uma vasta, espaçosa moradia minhoto, de estilo sóbrio mas elegante, que faz recordar a liberdade com que os antigos fidalgos acolhiam os que lhes tropeçavam à porta, a arca sempre aberta, o lume sempre aceso, a cama sempre feita. Ao fundo, uma larga escada conduz ao terraço, que assenta em arcaria viva, com balaustrada e colunas, sob um telhado sanguíneo, faiscando ao sol. Alinha-se ao lado um longo edifício de andar, com janelas de rés-do-chão defendidas por grades bojudas, à andaluzia. Ao poente, sob o tundo de arvoredo denso, e separada do resto do edifício, a que se não assemelha pelo estilo, ergue-se a capela severa, encimando o pórtico as armas dos Silvas, enroupada a frontaria pelo manto opaco e denso das trepadeiras.

Fica este solar na freguesia de S. Julião do Calendário de Tâmel, perto de Barcelos, estando-lhe agregada a Torre de Alcoforado, em Aguiar de Sousa. Casaram nesta casa, segundo o Visconde de Pindela: D. Margarida Isabel de Lencastre, filha de Gonçalo de Almeida e Sousa, senhor da vila do Barho e casa da cavalaria, em S. Pedro do Sul, alcaide-mór de Alfaiates, moço fidalgo com exercício, e de sua mulher D. Ana Joaquina de Lencastre, filha de D. Rodrigo de



Barcelos — Solar da Espregueira (varanda interior)



Barcelos — Capela da Casa da Silva

Lencastre, camarista do infante D. Manuel, irmão de El-Rei D. João V, e D. Antónia Bernarda de Lobera, filha de D. Petronilha de Sob-Maior e de D. Pedro Marinho de Lobera, senhor da Serra na Galiza.

Também nasceu nesta casa, em 1697, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado, que escreveu a *Vida de Soror Inês de Jesus* e a *Vida e morte trágica de Maria Stuart, rainha de França e Escócia*.

Na capela há uma lápide que indica a sepultura de Francisco de Sousa da Silva Alcoforado de Lencastre, falecido em 1876.

Os últimos descendentes desta casa não deixam geração.

CASA DE PEREIRÓ
ABADE DO NEIVA
SOLAR DA ESPREGUEIRA

Na freguesia de Gilzonde, próximo do local onde foi o célebre castelo de Faria, há ainda restos dum velho solar, a casa de Pereiró, enjo

portal e capela, de certa suntuosidade, são indícios de antiga opulência.

Existe na capela a sepultura, brazonada, de Paltazar de Brito Vasconcelos e de sua mulher D. Antónia de Noronha Lima, família a que o solar pertenceu.

Hoje está na posse da sr.^a D. Arminda Cruz de Figueiredo, de Braga, que certamente aprecia mais a vasta propriedade rural do que os braços quasi gastos do século XVII.

Seguindo a estrada de Viana, encontra-se na freguesia de Abade de Neiva um outro curioso exemplar de arquitectura romântica, a igreja paroquial, em cujo adro, que servira de cemitério, se veem ainda algumas sepulturas antigas. A povoação foi fundada pela rainha D. Mafalda, que tentou estabelecer ali um mosteiro de freiras, como se deduz da igreja e torre singular, que ainda existe, com passadiços e portas interiores. Ao norte da igreja há uma curiosa casa com varanda tipicamente portuguesa, flanqueada pelo campanário.

Mais adiante, na freguesia de Fragoso, encontra-se o imponente solar da família Espregueira, de Viana, soberba construção do século XVIII,

em que principalmente se destacam a grandiosidade da capela e o pórtico monumental.

É mais, e muito mais. Tanto, que impossível se torna tudo rebuscar, descobrir, para trazer ao conhecimento do público.

Na pesquisa destas ignoradas mas grandiosas memórias do passado, mais ou menos remoto, surge por vezes a impossibilidade dum colheita segura de elementos.

Nas veias de muitos dos detentores dos velhos solares já não corre sangue de ascendentes. Não há arquivos, não há muitas vezes mesmo o brio e o pundonor de conservar essas briosas relíquias históricas.

Os estudiosos mantêm-se impenetráveis, escondidos na sua torre de marfim. Oxalá que um brusco abalo sísmico os não deixe um dia sepultados sob os escombros!

Que ao menos fique esta documentação gráfica a espalpear a vista dos curiosos.

REINALDO FERREIRA
SOUSA MARTINS.



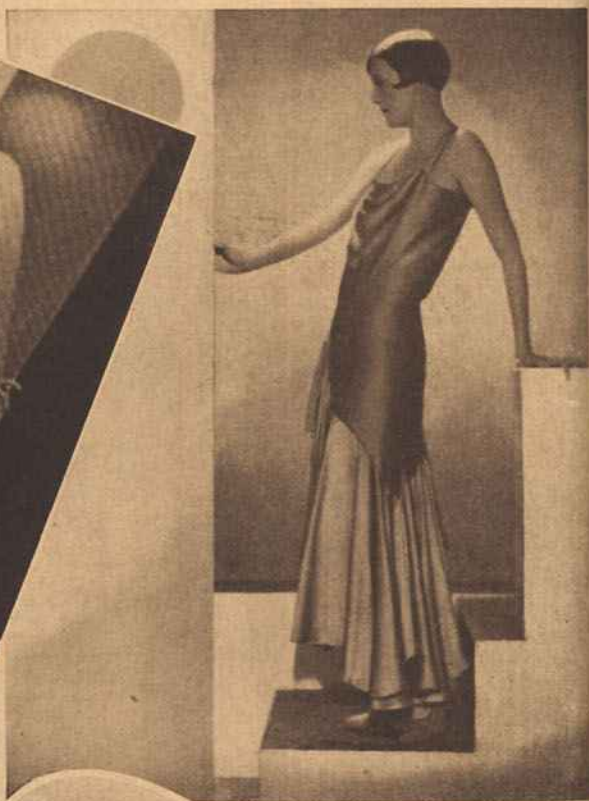
Vilar de Frades — Curioso pórtico da actual igreja, enerto hibeido do século XVI; numa frente do século XV.

(Fotos Alvaro Martins.)

MO- DAS

Modelo Lucien Le-
long para a noite,
em tule negro,
fivela de estrass

(Foto
Scatoni.)



Modelo Lucile Paray. Ves-
tido de noite em crepe
sem fivela, amarelo en-
xofre

(Foto Scatoni.)



A ESQUER-
DA: — Ves-
tido de tarde
de Cécile
Wély em cre-
pe da China verde escuro,
desenhos a branco,

(Foto Alban.)

A DIREITA: — Modelo de Marcel
Rochas. Vestido de noite, vermelho,
recamado de contas brancas

(Foto Alban.)



Tres e um

extra

POR RUDYARD KIPPLING

Rudyard Kipling é indubitavelmente, um dos escritores mais interessantes da língua inglesa. A sua magnífica obra, já universalizada, contém, em estranha fusão, os mais altos valores poéticos e os mais requintados matizes dum humorismo sui generis; ainda que de pura cepa britânica. Não se sabe que admirar mais no autor de «O livro das selvas virgens» se o seu formidável talento poético ou o seu peculiar sentido do humor. E, sem dúvida, na mistura destas duas grandes qualidades literárias que reside o interesse que a obra de Kipling conseguiu despertar em todo o mundo. A sua fantasia deliciosa coloca-o acima — desde o ponto de vista de arte literária pura — de Chesleron e do próprio Wells. Em Stevenson vamos encontrar talvez o seu mais genuíno precedente, mas Kipling, a pesar disso, está dotado duma originalidade autêntica e suggestiva, que se pode admirar no maravilhoso conto que «Ilustração» hoje publica.

Quando a cabeçuda e a ródca vão soltas, não caem a pau; caça com gram. (1).

Profano íntimo.

Após o casamento vem sempre a reacção, umas vezes pequena, outras grande; mas o certo é que chega fatalmente, mais cedo ou mais tarde, e faz-se mister que as duas partes saíem por cima dela, se querem seguir por via normal o resto da vida.

No caso de Cusack Bremmil, esta reacção só se manifestou no terceiro ano da sua vida de casado.

Bremmil era, geralmente, difficilimo de agüentar; mas foi um bom marido até morrer o pequenote. Mrs. Bremmil, então, vestiu-se de preto, emagreceu e chorou como se o Universo desabasse sobre ella. O dever do marido era consolá-la, sem dúvida; e até me parece que pensou nisso; mas, quanto mais perseguia o seu propósito, mais ella se entristecia e mais desagradável se tornava elle.

O facto é que ambos precisavam dum tónico e encontraram-no.

Mrs. Bremmil podia afagá-lo com os seus sorrisos; mas não se tratava então de rir.

Nestas circunstâncias, appareceu no horizonte Mrs. Hauksbee e quando apparecia Mrs. Hauksbee havia grandes probabilidades de perturbação.

Em Sinlo chamavam-lhe *O Petrel*; a ave tormentosa; qualificativo este que, a dar crédito às noticiás que possuo, tinha ganho cinco vezes. Era uma mulher pequena, magra, quasi esgrouvinda, com os olhos grandes dum azul violeta que lhe bailavam nas órbitas e com os gestos mais suaves que no mundo se pode conceber.

Bastava citar-lhe o nome nos cliás da tarde para que todas as senhoras se levantassem e dissessem dela que não era precisamente uma pomba sem fel.

Era intelligente, graciosa, magnánima; brilhava dum modo superior à sua espécie e possuía a malícia e a picardia dum milhão de diabos. Até podia ser útil para o seu próprio sexo, mas isto não é aqui chamado.

Bremmil rompeu as suas normas depois da morte do pequeno e da perturbação que se lhe seguiu, e Mrs. Hauksbee anexou-se-lhe. Esta senhora não era partidária de occultar

as suas conquistas, e anexou-se-lhe publicamente para que todo o mundo o advertisse.

Bremmil passeou com ella a pé e a cavallo, segredou-lhe coisinhas ao ouvido, acompanhon-a em caçadas, em expedições de prazer, e levou-a a merendar a casa da Peliti. O mundo com tudo isto arqueou as sobranceiras e disse: que grandes porcos!

Mrs. Bremmil entretanto permanecia em casa remexendo nas roupinhas do menino morto e chorando sobre o berço vazio. Não se preocupava com mais nada; mas algumas das suas queridas e benévolas amigas, explicaram-lhe o que se passava, com a extensão necessaria para que ella pudesse saborear todos os porretetes.

Mrs. Bremmil ouviu-as tranqüilamente e agradeceu-lhes todos os seus bons cuidados.

Não era tão intelligente como Mrs. Hauksbee, mas também não era tola de todo; occultou os seus designios e não disse nada a Mr. Bremmil acerca do que tinha ouvido.

Quando Bremmil estava em casa, o que não succedia com assustadora freqüência, era mais carinhoso que de costume, mas descobria o jôgo. Seu carinho tendia, em parte, a tranqüilizar a própria consciéncia, e, em parte, a tranqüilizar a sua mulher; fracasou porém em ambas as coisas.

Certo dia, a 26 de Julho, Lord e Lady Lytton convidaram Mr. e Mrs. Bremmil a assistir a um baile em Peterhoff, ás nove e meia da noite.

— Eu não posso ir — disse Mrs. Bremmil, sabendo bem o que dizia — a ferida do pobre Floro está ainda muito aberta, o que não quero dizer que não deyas ir tu, Tomás.

Mr. Bremmil respondeu que iria para estar lá alguns minutos. Nisto mentia e a mulher notou-lho. Adivinhou — uma mulher adivinha melhor que um homem — que elle já estava comprometido a ir com Mrs. Hauksbee.

Meditou então, e o resultado das suas meditações foi que a memória duma criança morta era menos importante que o amor dum marido vivo.

Formou, em vista disto, o seu plano, arriscando nele tudo.

Revelou-se-lhe naquela occasião que conhecia perfeitamente Tomás Bremmil e procedeu em harmonia com este conhecimento.

— Tomás — disse-lhe — no dia 26 tenho que ir jantar a casa de Longmores; tu podes comer no circulo.

Isto evitou a Bremmil o trabalho de inventar um pretexto para ir jantar com Mrs. Hauksbee, em vista do qual se mostrou reconhecido, terno e vil, tudo ao mesmo tempo, o que não deixa de ter um certo encanto.

As cinco da tarde safu a cavallo e às cinco e meia chegava a casa de Mrs. Bremmil uma



(1) Espécie de semente que na Índia Oriental se dá como penso aos cavalos.



enorme caixa com tampa de couro de parte de Phelps.

Mrs. Bremmil sabia-se vestir; não precisava de gastar uma semana em desenhar e cortar vestidos, pôr varas de baleia, fazer pregas, guarnecer, ou como essas coisas se chamam.

O vestido que encarregara era esplêndido e de luto aliviado. Eu não o posso descrever; era o que o jornal *The Queen* chama uma criação; qualquer coisa que vos deixa atônitos e com a boca aberta.

Ela preocupava-se muito pouco com tudo aquilo, mas, ao ver-se ao espelho, verificou com alegria que nunca se considerara tão formosa. Era uma loira esplêndida e, quando queria, estava admirável.

Depois de jantar em casa de Longmores dirigiu-se ao baile, aonde chegou um pouco tarde, e deu logo com os olhos no marido que dava o braço a Mrs. Hauksbee. Aquilo fê-la corar, e, quando os homens se aglomeravam à sua volta pedindo-lhe para dançar, estava realmente formosíssima. Concedeu todas as danças, menos três que deixou em branco. A certa altura, os seus olhos encontraram-se com os de Mrs. Hauksbee e esta compreendeu que entre elas se iniciava a luta.

Mrs. Bremmil foi a primeira a travar o combate, não se lembrando, aparentemente, de que seu marido existisse no mundo, circunstância esta que começava a deixar o dito marido um tanto ou quanto mal disposto, porque nunca tinha visto sua mulher tão encantadora como naquela noite.

Colocando-se-lhe ao passo, olhava-a, embasbacado algumas vezes, furioso outras, quando ela passava a dançar com um dos seus pares, e quanto mais e com mais assombro a contemplava mais afectado se sentia.

Mal acreditava que aquela pudesse ser a mulher de olhos congestionados de tanto chorar que se sentava à mesa com uma bata preta e salpicava de lágrimas os pratos da comida.

Mrs. Hauksbee fêz o mais que pôde para o reter no seu lado, mas, passado algum

tempo, Mr. Bremmil dirigiu-se à sua mulher e pediu que lhe concedesse uma valsa.

— Sinto muito que chegue tarde, Mr. Bremmil — respondeu ela com os olhos fulgurantes.

Rogou novamente e foi-lhe finalmente outorgada a quinta valsa: não a tinha comprometido e ainda bem.

Dançaram e, ao vê-los, houve na sala um movimento de admiração.

Mr. Bremmil desconfiava que sua mulher sabia dançar mas nunca pensou que dançasse tão admiravelmente.

Terminada a valsa, o marido pediu lhe concedesse outra, não como um direito, mas como um favor.

— Mostra-me o teu programa, querido — disse Mrs. Bremmil, e o marido apresentou-lho tremendo, como um garoto travesso, que mostra ao professor as mãos cheias de doces de contrabando. Estava completamente semeado de «III» para dançar e para ceiar...

Mrs. Bremmil não disse nada; sorriu desdenhosamente, riscou com o lápis os agás postos sobre os números 7 e 9, e escreveu em cima deles o seu próprio nome. Não; o seu nome não, mas um nome muito carinhoso, que só ela e o marido usavam em tempos idos.

Feito isto, devolveu-lhe o programa, e ameaçou-o com um dedo, dizendo-lhe:

Quando a banda tocou *The Roast Beef of Old England* os dois dirigiram-se para a galeria e Mr. Bremmil foi buscar o carro da mulher, enquanto esta vestia o casaco.

Aproveitando a conjuntura, Mrs. Hauksbee dirigiu-se a ele e disse-lhe:

— Lembre-se que se comprometeu a ceiar comigo.

Mr. Bremmil pôs-se muito vermelho olhou-a muito embaraçado e respondeu:

— Ah!... Eu!... Vou para casa com minha mulher. Isto não passou dum simples equívoco.

E continuou a falar de sorte que parecia que a única responsável de tudo era Mrs. Hauksbee.

Mrs. Bremmil voltou a aparecer envolta em plumas de cisne, com uma nuvem branca a rodear-lhe a cabeça. Parecia radiante de alegria e com sobra de razão, sem dúvida.

O casal desapareceu na sombra. Bremmil, no carro, aconchegava-se muito à mulher.

Então, Mrs. Hauksbee, que, à luz das lâmpadas, me pareceu um tanto murcha e caçada, disse-me:

— Não se esqueça nunca disto: uma mulher por muito idiota que seja pode dominar um homem inteligente; mas só uma mulher superior pode manejar um imbecil.

Dito isto, fomos ceiar os dois.



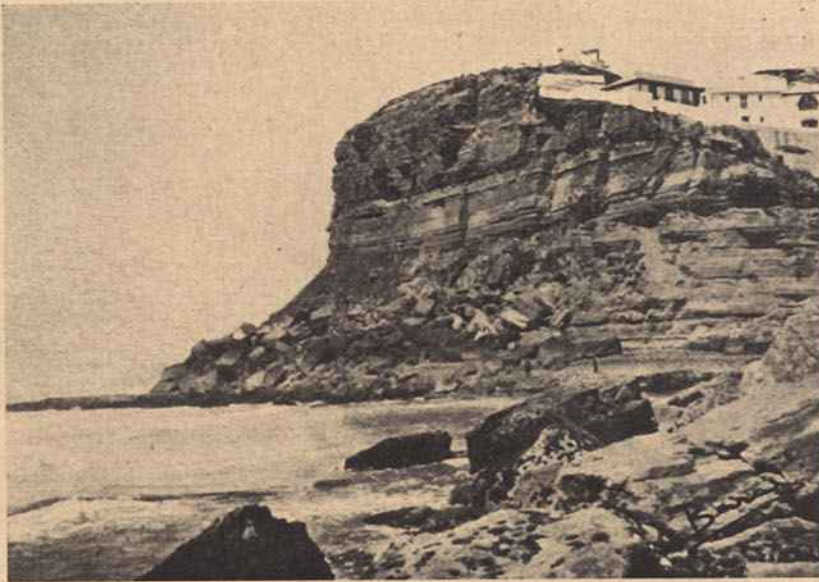
— Ah! Cândido, Cândido!

Mrs. Hauksbee ouviu isto e, conquanto procurasse dominar-se, compreendeu que tinha perdido a batalha.

Bremmil aceitou reconhecido a dança n.º 7 e, em harmonia com o que o número 9 indicava, sentaram-se sob umas pequenas casotas do jardim. Lá o que o marido disse e o que a mulher fêz não nos interessa muito neste momento.

A COSTA DE PORTUGAL

POE-
MA
DE
LUZ



POE-
MA
DO
MAR

Outro aspecto de Azenhas do Mar, inspiração de marinheiros famosos...

Nada mais admirável e mais imponente de luz — a desfazer-se nas catedrais exóticas — O mar oferece-nos sempre espectáculos ex-
—duma imponência selvática e bravía— que da costa, ou a estender-se nos areais doirados tranhos de inédita beleza. Percorrer a costa
o mar, o mar imenso — poema de espuma e das praias. — a costa portuguesa — é admirar uma vas-



Um aspecto curioso da Praia de S. Bernardino, próximo a Peniche, onde outrora se lançavam os frades do convento do mesmo nome.

ILUSTRAÇÃO

tíssima sala fécica onde a Natureza expôs algumas das suas mais prodigiosas maravilhas.

Crime de lesa-beleza comete todo aquele que nunca visitou essa catedral famosa, mais imponente que tôdas as obras primas da arquitectura humana, que se designa por Praia da Rocha. Encontram-se ali as mais belas lançadas colunas, as abóbadas mais arrojadas, os capitéis melhor esculpidos. Lá se distingue, através as penumbras azuladas das cavernas polícoras a scintilharem relâmpagos verdes, vermelhos, amarelos... o fêcho ogival dum portal gótico encimado por uma rosácea de subtis bordados, mais subtis que



Pôr do sol, Junto ao farol da Cula



Praia da Rocha, a pérola da Costa de Portugal

a própria espuma... Mais no fundo, recebendo os reflexos glauco-prateados do oceano, desenha-se uma inconcebível arcaria infinita e misteriosa, estranhamente decorada de exóticas vegetações rochosas no meio das quais devem dormir o sono dos séculos as nereidas que aguardavam a partida das armadas aventureiras de outras eras. Lá se ocultam, sob as naves baixas, pesadas, de arquitectura bárbara e descuidada, sombreadas perpétuamente, os deuses marinhos de que a mitologia nos fala. Cidades-necrópoles são aquelas furnas tenebrosas, semeadas de adustos pedregulhos que se assemelham a catacumbas milenárias que o mar, em dias borrascosos, vai

diluído em fúrias histéricas... Aqui e além emergem do azul vértices de pirâmides que vêm à superfície receber as carícias da luz e os beijos suaves dos favónios e depois se recolhem aos mundos submarinos... Lá estão as colunas alterosas, rainunculadas de estranhas vegetações sobre as quais as gaivotas alçam seus ninhos e as águias raramente pousam. Mais além, imponentes arcos triunfais que o mar edificou para homenagear o seu Deus Neptuno nas suas excursões através os oceanos, em companhia de Anfitrite...



Cabo da Roca, o ponto mais ocidental da Europa



A imponência da costa em Azenhas do Mar

Há muitos milhares de milhares de anos que o mar, dia a dia, num trabalho incansável e persistente, vem cinzelando aqueles rochedos brutos e edificando neles a sua catedral grandiosa onde em dias bonançosos vai entoar psalms e arrilhar enternecedoras canções...; em noites de tempestade o seu gargarhar arripante dá-nos a impressão de que aquelas cavernas e aquelas naves estão povoadas dum mundo de doidos que nos paroxismos do delírio gargalham, gargalham pavorosamente... As vezes, afigura-se-nos que a misteriosa catedral foi invadida por um exército inconcebível de inficéis que, munido de poderosas picaretas e alviões, vai detruindo os altares e oratórios numa fúria iconoclasta, confundindo a sua algazarra raiventa e odiosa com os trovejantes golpes demolidores que abalam as próprias naves e fazem oscilar o arvoredo ao longe...

Caprichou a Natureza em enfeitar esquisitamente êsse trecho grandioso da costa sul de Portugal, mas não só ali ela revelou a portentosidade das suas criações. Tôda a beira-mar portuguesa — Sagres, Espichel, Cascais, Azenhas do Mar, Santa Cruz, Carvoeiro, Ilhares... — tôda a costa é uma maravilha de

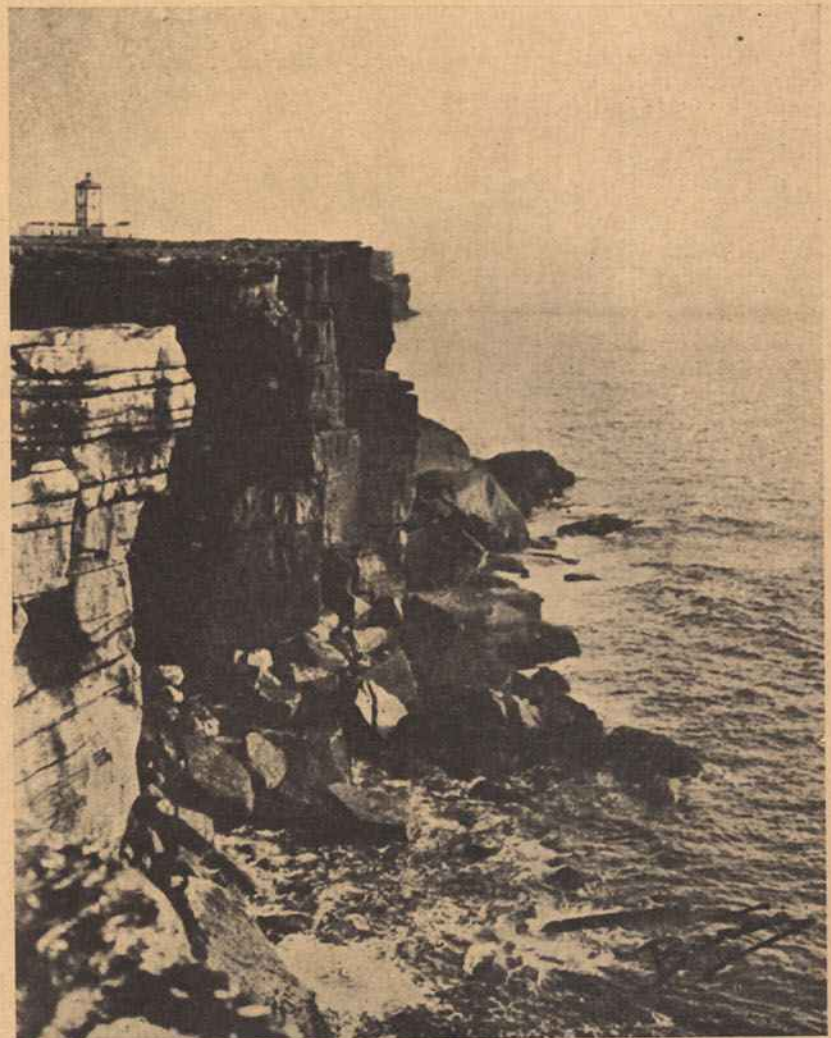
pinceladas magistrais que se impõe pela sua beleza inexcelável e pela sua grandeza inimitável.

Ao longo da costa, no cimo das ribas ou nos nichos dos fragedos, encontra, às vezes, o pascante um cruzeiro solitário, abandonado, face ao mar, que recorda alguma pavorosa tragédia desenrolada em noite tormentosa ou em dia penumbriado pelos nevociros traidores...

É bela a costa portuguesa! Grande lira de pedra onde o mar, perpétuamente, entoará suas baladas nostálgicas e seus liros empolgantes que arrebataram nossos antepassados e os levaram através os oceanos em procura doutras costas tão maravilhosas como a maravilhosa costa de Portugal.

JOSE BARÃO.

arquitectura rara, um poema de luz e de espumas, um quadro mágico de fantásticas



Cabo Carvoeiro, a costa abrupta dominando o mar...

(Fotos do autor).

MINHA IRMÃ ANTÔNIA

POR DON RAMON DEL VALLE INCLAN

(Conclusão)

— Não sinto nada, Basilisa.

— Nem os pêlos do gato?

— Nada!

E rompi a chorar, assustado com os gritos de minha mãe. Basilisa pegou em mim e levou-me para o corredor:

— Ai, figurãozinho, tu cometeste algum pecado e agora não podes epantar o inimigo mau!

Voltou para a alcova. Fiquei no corredor, cheio de medo e angústia, pensando nos meus pecados de menino. Continuavam os gritos na alcova e andavam com luzes por toda a casa.

XVI

Depois daquele dia tão longo, uma noite também muito longa, com luzes acesas diante das imagens e conversas em voz baixa, murmuradas no vão das portas que rangem ao abrir-se. Eu sentei-me no corredor, ao lado duma mesa onde havia um castiçal com duas velas e puz-me a pensar na história do gigante Golias.

Antônia, que passou com o lenço nos olhos, disse-me num voz de sombra:

— Que fazes aí?

— Nada.

— Porque não estudas?

Olhei-a assombrado de que me perguntasse porque não estudava, estando nossa mãe doente. Antônia afastou-se pelo corredor, e voltei a pensar na história daquele gigante pagão que pode morrer dum tiro de pedra. Por aquele tempo, nada me causava tanta admiração como a destreza com que manejon a funda o menino David. Tencionava também exercitar-me nisso quando desse um passeio pela margem do rio. Tinha como um vago e

novelesco presentimento de colocar os meus tiros na fronte pálida do estudante de Bretal. E tornou a passar a Antônia com um brazeiro onde se queimava alfazema:

— Porque não te deitas, menino?

E outra vez se retirou, correndo, pelo corredor. Não me deitei, mas dormi com a cabeça apoiada na mesa.

XVII

Não sei se foi uma noite, se foram muitas, porque a casa estava sempre escura e as luzes acesas ante as imagens. Lembro-me que entre sonhos ouvía os gritos da minha mãe, as conversas misteriosas dos criados, o ranger das portas e uma campainha que passava na rua. Basilisa da Galinda vinha de vez em quando buscar o castiçal, levava-o um instante, e trazia-o depois com duas velas novas, que quasi não davam luz.

Uma destas vezes, ao levantar a fronte de cima da mesa, vi um homem em mangas de camisa que cosia, sentado do outro lado. Era muito pequeno, com a frente calva e um colete vermelho. Falou-me, sorrindo:

— Dormia-se, estudioso mancoço?

A Basilisa espevitou as velas:

— Já não te lembras de meu irmão, pimpolho?

Entre as névoas do sonho, recordei o senhor João de Alberte. Tinha-o visto numa das tardes em que a velha me levou às torres da Catedral. O irmão da Basilisa cosia sob uma abóbada, remendando sotainas. A Galinda suspirou:

— Está aqui para avisar os santos óleos na Corticeira.

Eu comencei a chorar e os dois velhos dis-



seram-me que não fizesse barulho. Ouviess a voz de minha mãe:

— Escorracem-me êsse gato! Escorracem-me êsse gato!

XVIII

Basilisa da Galinda entra naquela alcova, que ficava ao pé da escada do desvão, e sai com uma cruz de madeira preta. Murmura umas palavras escuras, e benze-me o peito e as costas. Depois, entrega-me a cruz e pega nas tesouras de seu irmão, nessas tesouras de alfaiate, grandes e ferrugentas, que têm um som de ferro ao abrir-se:

— Temos de libertá-la, como pede...

Levou-me pela mão para a alcova de minha mãe, que ainda gritava:

— Escorracem-me êsse gato! Escorracem-me êsse gato!

No limiar aconselhou-me em voz baixa:

— Vai muito devagarinho e põe-lhe a cruz sobre a almofada... Eu fico aqui, à porta.

Entreí no quarto. Minha mãe estava sentada na cama, com o cabelo em desalinho, as mãos estendidas e os dedos abertos como ganchos. Uma mão preta e outra branca. Antônia olhava-a, pálida e suplicante. Eu passei de largo, e vi, de frente, os olhos de minha irmã, negros, profundos e sem lágrimas. Trepé à cama sem ruído, e puz a cruz em cima da almofada. Na porta, ao fundo, toda encolhida sob os umbrais, estava Basilisa da Galinda. Só tive tempo de a ver quando subi à cama, porque mal colequei a cruz sobre a almofada, minha mãe começou a retorcer-se e um gato negro saltou do meio da roupa, na direcção da porta. Fechei os olhos, e, com eles fechados, ouvi soar as tesouras da Basilisa. Depois, a velha chegou-se à cama onde minha mãe se retorcia, e retirou-me do quarto em braços. No corredor, junto à mesa que tinha detrás a sombra anão do alfaiate, à luz das velas, mostrava dois recortes pretos que lhe tingiam as mãos de sangue, e dizia que eram as orçelas do gato.

E o velho punha a capa, para ir avisar os santos óleos.





XIX

A casa encheu-se de cheiro de cêra e murmúrio de gente que reza em confuso som... Entrou um sacerdote paramentado, andando depressa, com uma mão de perfil sobre a boca. Metia-se pelas portas guiado pelo João de Alberte. O alfaiate, com a cabeça inclinada, corre teso e anão, arrasta a capa e embala em dois dedos, muito gentil, o *bonnet* pela pala, como fazem os menestres nas procissões. Atrás seguia um grupo escuro e lento, rezando em voz baixa. Ia pelo centro das estâncias, dum porta a outra, sem se estender. No corredor ajoelharam-se alguns vultos e as cabeças começaram a desagrupar-se. Fêz-se uma fila que chegou até às portas abertas da alcova de minha mãe. Dentro, de mantilha e uma vela na mão, estavam ajoelhadas Antônia e a Galinda. Foram-me empurrando para diante algumas mãos que saíam dos mantens escuros, e voltaram imediatamente a juntar-se sobre as cruzes dos rosários. Eram as mãos sarmentosas das velhas que rezavam no corredor, alinhadas ao longo da parede, com o perfil da sombra pegado ao corpo. Na alcova de minha mãe, uma sombra chorosa que tinha um lenço perfumado e me parecia toda roxa como uma dália com o seu hábito nazareno, pegou-me numa mão e ajoelhou-se comigo, ajudando-me a segurar uma vela. O padre andou à volta da cama, com um murmúrio latino, lendo o seu livro...

Depois, levantaram os cobertores e descobriram os pés de minha mãe rígidos e amarelados. Eu compreendi que estava morta e fiquei aterrado e silencioso entre os braços tibios daquela senhora tão formosa, toda branca e róxa. Sentia um terror de gritar, uma prudência gelada, uma aridez subtil, um recato perverso de mover-me entre os braços e o seio daquela dama toda branca e roxa, que inclinava o perfil do rosto sobre a minha face, e me ajudava a segurar a vela funerária.

XX

A Galinda veio retirar-me dos braços daquela senhora, e conduziu-me para o lado da cama, onde minha mãe estava hirta e

amarela, com as mãos envoltas nas dobras do lençol. A Basílica levantou-me do chão, para que visse bem aquele rosto de cera:

— Dize-lhe adeus, menino. Dize: Adeus, minha mãe, que não te tornarei a ver.

A velha pôs-me no chão, porque se cançava, e depois de tomar fôlego, tornou a levantar-me, metendo-me as mãos sarmentosas debaixo dos braços:

— Olha bem para ela! Grava-a na memória para quando fores grande... Dá-lhe um beijo, menino.

E dobrou-me sobre o rosto da morta. Quasi pegado àquelas pálpebras imóveis, comeci a gritar, revolvendo-me entre os braços da Galinda. De súbito, com o cabelo solto, a Antônia apareceu ao outro lado da cama. Arrebatou-me à velha criada, apertando-me contra o peito soluçando e faltando-lhe o ar. Sob os beijos sufocados de minha irmã, sob a luz dos seus olhos inflamados, senti um grande desconsolo... A Antônia estava hirta e tinha na cara uma expressão de dor estranha e obstinada. Já numa outra estância, numa cadeira baixa, tendo-me sentado sobre a sua saia, acariciava-me, beija-me outra vez, soluçando, e depois, retorcendo-me uma mão, ri, ri, ri... Uma senhora dá-lhe ar com um lenço, outra, com os olhos assustados, destapa um frasco, entra entra por uma porta com um copo de água.

XXI

Eu estava a um canto, sumido numa pena confusa, que me fazia doer as fontes como a angústia do enjôo.

Ora chorava, ora me distraía ouvindo outros choros. Devia ser perto da meia noite, quando abriram uma porta de par em par e tremularam no fundo as luzes de quatro velas. Minha mãe estava amortalhada no seu caixão preto. Eu entrei na alcova sem ruído, e sentei-me no vão da janela. A volta do caixão velavam três mulheres e o irmão da Basílica.

De quando em quando, o alfaiate levantava-se e cuspiá nos dedos para espavitar as velas. Aquela alfaiate anão e garboso do collete vermelho tinha não sei que destreza bufonesca ao arrancar o pavio e ao inchar as bochechas soprando nos dedos.

Ouvindo os contos das mulheres, fui deixando de chorar a pouco e pouco. Eram relatos de apurcidos e de pessoas enterradas vivas.

XXII

Ao raiar do dia, apareceu na alcova uma senhora muito alta, com os olhos pretos e o cabelo branco. Aquela senhora beijou minha mãe nos olhos mal fechados, sem medo ao frio da morte e quasi sem chorar. Ajoelhou-se, depois, entre dois cirios, e sacudia um ramo de oliveira molhado em água benta sobre o corpo da morta. Entrou a Basílica, procurou-me com os olhos, e levantou a mão, chamando-me:

— Anda ver a avósinha, meu amor.

Era a avósinha! Viera numa mula desde a sua casa da montanha, que ficava a sete léguas de Santiago. Eu sentia naquele momento um bater de ferraduras sobre as lajes do saguão onde a mula tinha ficado atada.

Era um bater que parecia resonar no vácuo da casa cheia de choros. E minha irmã Antônia chamou-me da porta:

— Anda cá, menino!

Sai muito devagar, sob a recomendação da velha criada. A Antônia pegou-me na mão e levou-me para um canto:

— Essa senhora é nossa avó! Daqui para o futuro viveremos com ela.

Eu suspirei:

— E porque não me beija?

A Antônia ficou um momento pensativa, e, enxugando os olhos:

— És tolinho! Não vez que primeiro tem que rezar pela mamã?!?

Rezou muito. Levantou-se, finalmente, perguntando por nós, e a Antônia levou-me arrastado da mão. A avó já trás um lenço de luto sobre o crespo cabelo todo de prata, que parece realçar-lhe o negro fogo dos olhos. Seus dedos tocaram-me levemente na face e ainda recordo a impressão que me produziu aquela mão de aldeã, áspera e sem ternura. Falou-nos em dialecto:

— Morreu vossa mãe e agora a mãe serci eu... Não tendes outro amparo no mundo... Vocês vão comigo, porque esta casa vai-se fechar. Amanhã, depois das missas, pôr-nos-licemos a caminho.

E a sua mão de lavadeira voltou a tocar-me na face.

XXIII

No dia seguinte, minha avó fechou a casa, e pusmo-nos a caminho para San Clemente de Brandeso. Já estava eu na rua, montado na mula dum montanhez que me levava adiante no arção, e ainda ouvia na casa bater as portas e gritar, chamando minha irmã Antônia. Não a encontravam e com os rostos demudados saíam às varandas, e tornavam a entrar, percorrendo as estâncias vazias, onde andava o vento a bater as portas e as vozes a gritar por minha irmã. Da porta da catedral uma beata descobriu-a desmaiada no telhado. Chamámo-la e abriu os olhos sob o sol matinal, assustada como se despertasse dum mau sonho. Para a retirar do telhado, um sacristão de sotãina e em mangas de camisa pegou numa grande escada. E quando partíamos, apareceu no átrio, com a capa revolta pelo vento, o estudante de Bretal. Levava na cara uma venda negra, e sob ela julguei ver o corte sangrento das orelhas talladas cerece.

XXIV

Em Santiago de Galiza, como foi um dos santuários do mundo, as almas ainda conservam os olhos abertos para o milagre.

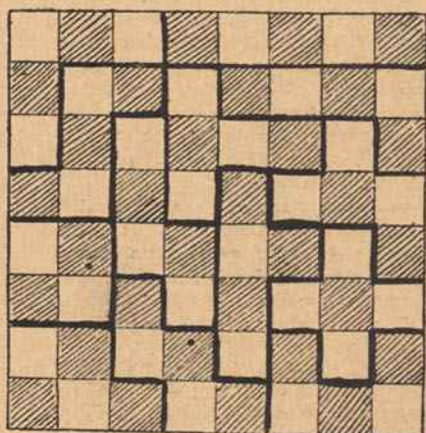




Passatempo

O TABOLEIRO DE XADRES

(Solução)



Aqui está o taboleiro concertado e com tão boa aparência como se fosse novo.

■ ■

— Olha, Henrique, fui hoje horripelmente insultada — exclamou a esposa para o marido, ao chegar este a casa para jantar.

— Insultada por quem? — perguntou ele, admirado.

— Pela tua mãe — respondeu ela, desatando a chorar.

— A minha mãe, Flora? Que disparate! Está a mais de duas léguas distante de nós! Flora enxugou as lágrimas.

— Eu te conto tudo, — disse por fim. — Veio esta manhã uma carta para ti e como era a letra de tua mãe, por isso eu... abria.

— Sim.

— Era dirigida a ti, compreendes?

— Compreendo; mas onde está o insulto?

— Está no... no *post-scriptum*; — voltou ela rompendo outra vez num pranto. — Dizia assim: «Querida Flora, não deixes de entregar esta carta ao Henrique. Desejo muito particularmente que ele a receba.»

■ ■

A mãe: — Já te tenho dito milhares de vezes que não interrompas as pessoas mais velhas quando estão falando; que esperes até elas acabarem de falar.

Joaninha: — Tenho querido fazer isso, mamã, mas elas não acabam nunca.

■ ■

Professora: — O que têm os elefantes, que mais nenhum animal tem?

Discípula: — Elefantes pequeninos.

Caixeiro novo: — Aquelle sujeito pergunta se esta camisola de lã encolherá.

O dono da loja: — Ella está-lhe boa?

— Não, senhor; está muito larga.

— Então, diga-lhe que sim, que encolhe.

■ ■

— Pois é verdade, — estava dizendo a nora — minha filha tem aprendido com os melhores professores de canto. Sabe cantar solos, duetos e tercetos.

■ ■

O actor de cinema: — Mas vamos a saber, se elle tem de atirar comigo para dentro das catulupas de água como hei de eu sair de lá?

O empresário: — fesse pormenor não importá. Você não tem que tornar a aparecer.

■ ■

O juiz: — Está absolvido.

O réu (para os jurados): — Queiram desculpar, meus senhores, ter-lhes dado este incômodo todo para cousa nenhuma, afinal.

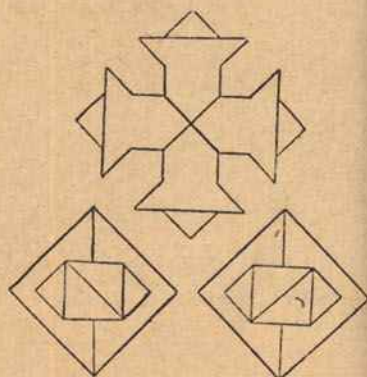
■ ■

Ela: — Resolvi vender beijos na barraca da tómbola de caridade. Achas que um escudo por cada beijo seja muito?...

Outra: — Não!... Isto quem vai a festas de caridade já sabe que vai ser roubado!...

A MESA DE MOSAICO

(Problema)



As três figuras, que se veem aqui, foram feitas por um arqueólogo, com pedaços de mosaico encontrados numas ruínas antigas. Pensando que se tratava de motivos de ornamentação, o homem deu-se por satisfeito com o resultado do seu trabalho; porém, passado pouco tempo, encontraram-se nas mesmas ruínas, restos de uma mesa quadrada, consistindo nos pés e na caixa, mas faltando-lhe a tábua, e então começou a pensar, que talvez os pedaços de mosaico, correspondessem a essa tábua. Para ver se, com effecto, assim era, não há mais que separar os pedaços, que compõem as figuras, e ver se com elles se pode fazer-se um quadrado, sem que falte nem sobeje pedaço algum.



CINISMO JUVENIL.

Ela: — Aprova os namoros muito prolongados?

Ele: — Eu lhe digo, sempre tem suas vantagens: é que quanto mais tempo durar o namoro menos longa é depois a vida de casados, não acha?

LEIAM

O maior êxito editorial da temporada, o magni-
:: fico documentário do mais alto interesse ::

A S U E R O

O MAGO DA MEDICINA

SUA VIDA, SUAS OBRAS E
SUAS CURAS A LUZ
DA VERDADE

UM DOCUMENTÁRIO IMPARCIAL
E SERENO

A TÉCNICA DA CAUTERIZAÇÃO
COM GRÁFICOS

POR

JOSÉ MARIA
DE BARBÁCHANO

COMPANHEIRO E CONFIDENTE
DO DISCUTIDO MÉDICO
E JORNALISTA EM SAN SEBASTIAN

(VERSÃO PORTUGUESA)

NÃO CONFUNDIR COM FOLHE-
TOS DE ESPECULAÇÃO
PUBLICADOS
SIMULTANEAMENTE



UM BELO VOLUME COM
SUGESTIVA **ESCUDOS**
CAPA ILUS-
TRADA : : : **5\$00**

PEDIDOS ÀS

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Quando comprar Mobiloil não peça apenas Oleo "A" ou "BB"



Se assim fizer, pode acontecer que lhe não dêem o óleo que deseja.

Contudo, desde que V. Ex.^a peça GARGOYLE MOBIL-OIL «A» ou GARGOYLE MOBIL-OIL «BB», pode ficar certo de que está exigindo o óleo que o motor do seu carro necessita.

Para proteger os seus interesses GARGOYLE MOBIL-OIL é vendido em latas especiais com o selo oficial da VACUUM OIL COMPANY, como garantia de qualidade e uniformidade do produto.

V. Ex.^a ganhará se tôdas as vezes que adquirir Mobiloil, partir do princípio que há óleos de baixa qualidade que se assemelham na aparência aos vários tipos do



Mobiloil

Gui-se pela nossa Tabela de Recomendações

REFINARIAS:

PAULSBORO (N. J.)	OLEAN (N. Y.)
BAYONNE (N. J.)	ROCHESTER (N. Y.)

VACUUM OIL COMPANY